

protagonistas

da imprensa brasileira



A opinião de quem decide

Audálio Dantas

Testemunha e protagonista da história do Brasil

Conhecemos **Audálio Dantas** no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, naquele período negro, mas ao mesmo tempo de início do renascimento do País, que foi o da tortura e morte de **Vladimir Herzog** nos porões da ditadura militar, em outubro de 1975. Tensão e medo conviviam na mesma proporção com a certeza de que a redemocratização somente lograria êxito com a luta serena, porém firme e constante – coisa que viria a demorar ainda dez anos. Eleito para a Presidência do Sindicato poucos meses antes, Audálio teve papel de destaque nos episódios que se sucederam e que serviram para catalisar num movimento quase que único a oposição legal ao regime, mudando radicalmente, e para sempre,

dívida de gratidão que a sociedade brasileira tem com ele são tão grandes que mereciam uma homenagem mais do que especial. Ainda mais neste dia 1º de junho, consagrado à Imprensa.

Nesse trabalho falamos do menino, do homem, do repórter, do dirigente sindical, do político, do escritor e do ser humano Audálio, em cujos quase 78 anos de vida (que vai completar em 8 de julho) e quase 50 de profissão conseguiu, como diz o amigo **Juca Kfoury**, ser “testemunha e protagonista, escrever a História e nela ser inscrito”.

Esta edição tem, portanto, duas partes distintas. Embora haja na entrevista da segunda parte alguns temas em que Célia toca na primeira, as informações meio que se complementam, não chegam a ser repetitivas, e por

isso as mantivemos na íntegra.

o rumo da vida daquele já renomado repórter.

Figura tão especial e relevante para a história de nosso jornalismo e de nossa democracia, ao mesmo tempo de uma simplicidade comovente, decidimos fazer esta edição com Audálio de forma dupla, reunindo o texto sempre brilhante de nossa editora-contribuinte **Célia Chaim**, titular da série **J&Cia Entrevista**, a uma ampla e densa entrevista. Temos pois, numa mesma edição, a tradicional entrevista de **Protagonistas da Imprensa Brasileira**, feita pelos editores **Eduardo Ribeiro** e **Wilson Barancelli**, com o texto leve e solto de **J&Cia Entrevista**, de autoria de Célia.

É que a biografia de Audálio, sua história de vida e a

Esperamos que o resultado final desse trabalho dê a você a exata dimensão da história e da trajetória profissional de Audálio Dantas e que tenha na leitura dele o mesmo prazer que tivemos na sua produção.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Barancelli



O ofício de escrever (2006)



Casa em que nasceu Graciliano Ramos, seu inspirador, em Quebrângulo - AL

Lu Fernandes
Comunicação e Imprensa

Obrigada, Audálio Dantas.
Sua lucidez e coragem ajudaram a mudar o Brasil

www.twitter.com/lufernandes www.lufernandes.com.br

Imagine que pensar à frente é premiar os melhores trabalhos sobre Finanças Sustentáveis. **Prêmio Itaú de Finanças Sustentáveis. Inscreva-se.**

Itaú. Feito para você sonhar.

Itaú

MAIS QUE UM PRÊMIO, UM COMPROMISSO DO ITAÚ COM A SUSTENTABILIDADE. O Prêmio Itaú de Finanças Sustentáveis acontece a cada dois anos e este ano será a 2ª edição. O prêmio está inserido no Programa Itaú de Finanças Sustentáveis, cujo objetivo é criar uma grande rede de reflexão que busca estimular a produção e a disseminação de conhecimento sobre o tema através de trabalhos acadêmicos e matérias jornalísticas. Acesse www.itaufinancassustentaveis.com.br para inscrever o seu trabalho e contribuir para a formação dessa rede. As inscrições vão de 1º de junho a 10 de agosto.

APOIO
SustainAbility
INSTITUTO
ETHOS
prêmio
Itaú
de finanças
sustentáveis



Audálio Dantas

O negócio dele era fazer reportagens

Por **Célia Chaim**

Quantas histórias tem para contar o jornalista **Audálio Dantas**, alagoano da cidade de Tanque D'Arca. Cada vez mais seduzido pela literatura, continua com um pé fincado no jornalismo, como diretor da revista mensal Negócios da Comunicação e também com as palestras que faz pelo Brasil todo. Grande repórter brasileiro, que escreveu para as mais importantes revistas e jornais, Audálio foi premiado pela ONU por sua atuação na defesa dos direitos humanos.

Seu novo livro, *O menino Lula*, lançado no final de novembro de 2009 pela Ediou-

no hoje desativado Hospital do Juqueri, em Franco da Rocha, São Paulo, uma das mais antigas e maiores colônias psiquiátricas do Brasil. Em 1958 chegou a ter mais de 14 mil



Com os filhos José, Juliana, Ana e Mariana

ro, conta mais uma história de um homem que atravessou o tempo de infância sem alegria. Mas é ao mesmo tempo, uma bela e magnífica história de superação.

Ao contar a história, ele, Lula, não escolhe as palavras, não omite fatos. Aqui e ali uma lembrança, a evocação de uma situação constrangedora, quase sempre sublinhada por um palavrão.

É o Lula, não o presidente da República.

É o Audálio Dantas, um profissional que foi sindicalista, deputado pelo MDB, tudo isso

internados. Sua reportagem, originalmente feita para a revista O Cruzeiro e publicada em 30 de março de 1963, faz parte do livro *O circo do desespero*, uma coletânea de seus trabalhos publicada pela Editora Símbolo, SP.

São poucos e extraordinários repórteres como você, que se enfiou no extinto Manicômio do Juqueri. O manicômio era um retrato avassalador da miséria, das famílias que abandonavam seus parentes doentes numa espécie de jaula. As crianças tinham medo daquelas pessoas, que eventualmente poderiam ter apenas problemas neurológicos. Um pavilhão para menores foi inaugurado em 1922 e, em 1957, do total de doentes, 3.520 eram crianças. Em 2005, um incêndio atingiu o setor administrativo do prédio do Hospital. As seis horas de fogo destruíram o prédio de dois andares



Audálio Dantas no velório de Herzog (Foto: Elvira Alegre)

numa época em que o adversário político era a ultraconservadora Arena e a ditadura militar.

Você não é louco nem maluco, Audálio, mas, como repórter obstinado já foi parar

tombado pelo Condephaat, sua biblioteca (a mais completa em livros e periódicos de psiquiatria da metade do século XIX até metade do século XX) e cem anos da memória do Hospital. Do edifício sobraram apenas as paredes estruturais e uma parte da cobertura do piso inferior em uma de suas laterais. O prédio havia acabado de ser restaurado, com reforma do telhado, do piso, vitrais e da estrutura elétrica.

Parece que escrever livros e grandes reportagens não são as únicas formas de arte que Audálio cultiva com enorme prazer. Teria outra, também interessante, que é a arte de seduzir. Com **Vanira [Kunc]**, tem duas filhas: Juliana, que acaba de se formar em Jornalismo, e Mariana, que tem 15 anos. Do primeiro casamento, com Iracy, seu filho é o José Dantas. No segundo, com Marta, veio a Ana.

Por que Audálio se orgulha de Carolina

Carolina de Jesus. O nome ainda tem Maria no meio, bonito e comum fora e dentro de favelas. Jesus, o sobrenome, ajudou, mas quem a empurrou para o "milagre" foi Audálio Dantas.

Ao escrever uma reportagem sobre a expansão da extinta favela do Canindé, em São Paulo, Audálio encontrou uma pedra preciosa: Carolina Maria de Jesus (Sacramento, 14 de março de 1914 – São Paulo, 13 de fevereiro de 1977). Ex-catadora de papel, Carolina, com pouca escolaridade, favelada, mulher, negra e pobre, fez de suas obras um meio de denúncia sociopolítica. Seu trabalho mais conhecido, que teve tiragem inicial de dez mil exemplares (esgotados na primeira semana), e traduzido em 13 idiomas, é *Quarto de despejo*, publicado em 1960. Também escreveu *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982, póstumo).

Outro repórter, homem ou mulher, poderia nem ter visto Carolina. Sorte, sim, mais talento e um olhar que vai além do que estava na pauta diferenciam grandes jornalistas.

A história de favela que eu fui fazer já estava escrita em cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li e logo depois vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever aquela história.

Carolina viu a cor da fome, escreveu Audálio. Ela disse: é amarela.

A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Tão grande e tão marcante que adquire cor no livro dela. Nessa rotina busca de sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas do mundo todo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficam amarelas quando a fome atinge o limite do suportável.

O trabalho de Audálio com Carolina livrou a vida dela do "amarelo" e apertou o coração do jornalista. Ele sabe que foi um dos trabalhos mais importantes – para a vida – que fez.



Com Carolina de Jesus (Foto: George Torok)



Lançamento de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus (1960): Audálio (esq.), Lélío Castro Andrade (gerente da Editora Francisco Alves), Pelé e Benedito Rui Barbosa



Audálio Dantas

Audálio, por Juca Kfourri

O jornalista **Juca Kfourri**, com água e cafezinho na mesa, foi à Câmara Municipal de São Paulo, em 2008, para fazer a saudação a Audálio Dantas, que recebeu o título de Cidadão Paulistano.

Boa noite, amigas e amigos de Audálio Dantas.

Vocês já viram uma cerimônia em que o orador está mais orgulhoso do que o homenageado?

Se não viram, vão ver agora.

Sim, porque desde que fui escalado para falar de Audálio Dantas estou mais pimpão do que ele mesmo, tamanha a honra, tamanho o privilégio, dessas coisas para encabeçar o currículo.

Ele certamente merecia um admirador melhor, mas eu, sem dúvida, não poderia ter uma admiração maior.

Porque não é de hoje que Audálio Dantas deixou de ser um alagoano de respeito para se tornar um cidadão paulistano, um cidadão do mundo, um CIDADÃO na acepção do que os gregos imaginaram, alguém mais

que livre, alguém capaz de lutar pela liberdade do próximo.

Este é Audálio Dantas.

Eu sei que nestas ocasiões é esperado que o orador trace uma biografia do homenageado. Mas quem, aqui, não sabe bem quem é Audálio Dantas, o repórter, antes de tudo, o líder sindical, o político? Ora, se eu for contar tudo de bom que Audálio Dantas fez na profissão e pela profissão, no País e pelo País, ficaríamos horas aqui a conversar.

Por isso, ao me congratular com esta casa – porque este, sim, é um homenageado que merece todas as honras –, quero contar uma história que vivi perto de Audálio



Cidadão Paulistano (2008): Juca Kfourri (esq.), vereador Eliseu Gabriel, que propôs a homenagem, Audálio e Mauricio de Sousa. (Foto: Cacalo Kfourri)

Dantas, que testemunhei, quase minuto a minuto.

É uma história de medo.

Sim, nós tínhamos medo.

Vladimir Herzog estava morto, assassinado covardemente nos porões da ditadura.

Diziam que o meu nome estava numa lista e que viriam me buscar.

Eu tinha medo, muito medo.

Só em dois lugares, no entanto, eu me sentia seguro.

Só em dois lugares eu sentia medo com segurança.

Na Cúria Metropolitana, casa de dom Paulo Evaristo, cardeal Arns de São Paulo, e na rua Rego Freitas, no Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, casa de Audálio Dantas.

E como eu não era nem padre, nem freira e nem sequer coroinha, e já era jornalista, eu não saía da casa de Audálio Dantas.

Audálio Dantas talvez nem saiba, mas para muitos de nós ele era sinônimo de segurança, de proteção.

E vi um homem preocupado, mas sereno; fustigado, mas firme; tenso, mas equilibrado; corajoso sem ser temerário, sensato sem ser dono da verdade, incapaz de uma demagogia, um blefe, uma guampada de boi manso, como dizem os gaúchos.

Estamos acostumados, com justa razão, a lembrar do ato ecumênico da Catedral da Sé como um ato que mudou a História do Brasil e por isso reverenciamos os três pastores que o conduziram: o cardeal dom Paulo Evaristo Arns, o rabino Henry Sobel e o reverendo James Wright.

Frequentemente, no entanto, porque somos o país que somos, propensos a certos esquecimentos, deixamos de lembrar que se não fosse pela atitude de Audálio Dantas naqueles dias sombrios, não teríamos o Ato da Sé. Dantas, então, não se notabilizava por ser religioso, nem católico, nem judeu, nem protestante.

Era apenas um cidadão. Um cidadão indignado com a barbárie.

E para que ninguém diga que estou sendo

ufanista, exagerado ou corporativista, é obrigatório lembrar de pelo menos mais cinco nomes que foram imprescindíveis para que o Caso Herzog começasse a mudar o Brasil.

*Outro jornalista, nosso queridíssimo **Fernando Pacheco Jordão**, braço direito de Audálio Dantas durante todo o tempo, ponto de equilíbrio. Os jovens advogados Samuel Mac Dowell e Marco Antônio Rodrigues Barbosa e o juiz de Direito Márcio José de Moraes que, a todo risco, levaram adiante a vitoriosa ação contra a União Federal. E, é claro, nossa eterna companheira, a publicitária Clarice Herzog, então viúva do Vlado, mãe do André e do Ivo, que foi até o fim.*

Audálio Dantas, então, não era filiado a nenhum partido político, era apenas um jornalista que lutava pelo bom jornalismo, pela liberdade de expressão, sem a qual o bom jornalismo é impossível. Já era o Audálio Dantas da fabulosa reportagem Quarto de despejo, com Carolina Maria de Jesus. Ou o Audálio Dantas que reuniria mais tarde, em Circo do desespero, 12 de suas melhores, inesquecíveis, marcantes reportagens.

Era o presidente do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, como viria a ser,

como é hoje, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo.

Não era ainda o deputado federal eleito sem um tostão em 1978 porque as pessoas lhe eram gratas, coisa que também testemunhei porque fui um dos coordenadores de sua campanha sob o lema “Vamos virar o jogo”, talvez porque ele seja um empedernido corinthiano...

Deputado, diga-se, apontado como um dos dez melhores do País, assim como foi eleito um dos três líderes sindicais mais influentes do Brasil – e olhe que Audálio Dantas nunca foi petroleiro nem metalúrgico.

Audálio Dantas costuma dizer que seu melhor trabalho foi o papel que desempenhou no Caso Herzog.

De fato, porque, então, Audálio Dantas foi testemunha e protagonista, escreveu a História e nela foi inscrito.



Cidadão Paulistano (2008)

A arte de perguntar

Saber perguntar, diz Audálio Dantas, “já é mais do que meio caminho andado para um bom exercício da profissão”.

O melhor repórter perguntador que eu conheço – com a sua licença, Audálio – chama-se **Cícero Mello**, do grupo ESPN no Brasil. Ele sabe que na sua área – esportes – perguntar muito, com insistência e boas indagações, sempre “dá samba”. O técnico explode de raiva e abandona a coletiva, o jogador dá uma cutucada de leve no “professor”, o juiz que roubou corre para o vestiário, os dirigentes somem e Cícero não desiste – mesmo quando é tratado com palavrões. É melhor porque tudo a gente vê mais tarde na televisão.

De um bom repórter exige-se até uma certa dose de megalomania, diz Audálio, na medida suficiente para que ele acredite, em momentos de exaltação, ser capaz de mudar o mundo. O diabo é que às vezes consegue. Não foi outra coisa o que conseguiram Carl Bernstein e Bob Woodward com aquelas reportagens que fizeram. Ou não é mudar o mundo levar à renúncia o presidente da mais poderosa nação do planeta?

Em escala bem mais modesta, o mesmo aconteceu aqui, quando a grande imprensa concedeu espaço para que seus repórteres escrevessem sobre os escândalos produzidos pela família Collor.



Audálio Dantas

Os meninos maluquinhos

Ziraldo e Audálio se encontraram na revista **O Cruzeiro**, publicada pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, um enorme sucesso nos anos 1950. Audálio deu um “empurrãozinho” naquele “maluquinho” que escrevia bem, adorava desenhar e parecia tímido no meio daquela genterada toda. A revista contava fatos sobre a vida dos astros de Hollywood, cinema, esportes e saúde. Tinha charges, política, culinária e moda. Com a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, a revista atingiu a impressionante tiragem de 720 mil exemplares – até então, o máximo alcançado fora a marca dos 80 mil. Daí em diante, o número se manteve. Nos anos 1960, **O Cruzeiro** entrou em declínio com o desuso de suas fórmulas e o surgimento de novas publicações, como as revistas **Manchete** e **Fatos & Fotos**. O fim da revista aconteceu em julho de 1975, com a consagração definitiva do instantâneo da

televisão; o “império” dos Diários Associados ruiu – a tristeza da equipe, de leitores e dos dois bateu forte. Mas a amizade permaneceu sem abalos.

AUDÁLIO E O BEBÊ MAIS BONITO DE CARATINGA

Audálio fez uma bela coleção infanto-juvenil contando a infância de Graciliano Ramos, Ruth Rocha e – quem? – Ziraldo. Uma delícia para ler e entender “um nome difícil” de existir em outro lugar no mundo inteiro: Ziraldo. Hoje ninguém pensa duas vezes para lembrar que Ziraldo é uma das pessoas mais famosas aqui e também conhecido em outras terras.

Seu nome, explica Audálio, foi uma invenção de amor de seu pai. Ele pegou a primeira sílaba de Zizinha, juntou as duas últimas de Geraldo e pronto: estava inventado o nome do primeiro filho do casal. Dona Zizinha achou que era um bom

nome. E bonito! Combinava com o bebê moreninho que mostrou, cheia de alegria, ao marido:

- Olha que bonitinho que ele é!
- Sr. Geraldo não deixou por menos:
- Põe bonito nisso. Acaba de nascer o menino mais bonito de Caratinga!



Com José Mindlin e Ziraldo, no lançamento de *A infância de Ziraldo* (2007)

Audálio, por Ricardo Kotscho

Ninguém melhor do que Ricardo Kotscho para escrever sobre Audálio Dantas e Lula. Ele conhece bem os dois e lhe foi dado o prazer de abrir o livro *O menino Lula, a história do pequeno retirante que chegou à Presidência da República*, que emociona. E Kotscho, coração mole, também deve ter se emocionado com a história dos dois juntos.

A história contada por Kotscho:

Os dois saíram meninos lá das profundidades dos sertões nordestinos e percorreram trajetórias de vida improváveis, se a gente for olhar de onde partiram e onde chegaram. Audálio saiu de Tanque d'Arca, nas Alagoas, desembarcou em Santos, subiu a serra e faz mais de meio século que está na lista dos melhores jornalistas brasileiros, além de ser um respeitado escritor. No meio do caminho brigou contra a ditadura e foi ser deputado federal em Brasília.

Já Lula pegou um pau-de-arara, deixou para trás Caetés, antigo distrito de Garanhuns, em Pernambuco, fez-se torneiro mecânico, liderou as lutas que levaram ao renascimento do movimento operário no Brasil.

Por suas origens comuns, filhos da mesma terra seca, só mesmo o menino Audálio poderia contar, com sua alma nordestina e maestria de prosa, a história do menino Lula.

Por conta do livro, Audálio também esteve no blog de Ricardo, o *Balaio do Kotscho*:

Durante dois anos, o jornalista Audálio Dantas esperou para conseguir marcar um encontro com o presidente Lula. Era para escrever mais um livro da série que retrata a infância de brasileiros vitoriosos. Audálio queria que Lula lhe contasse como foi a sua vida de menino, assim como já havia feito com os livros sobre Graciliano Ramos, Ziraldo, Maurício de Sousa e Ruth Rocha.

Agora tem gente besta escrevendo, sem saber do que fala, que Audálio pretende pegar uma carona no filme de Fábio Barreto, Lula, o filho do

Brasil, que, por mera coincidência, terá pré-lançamento no mesmo dia à tarde nos estúdios da Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, com a presença do presidente e da sua família.

Nem Audálio, um dos mais respeitados e premiados jornalistas brasileiros da sua geração, precisa pegar carona em filme, nem o presidente Lula precisa de filme para se transformar em mito e ganhar votos. Escreve-se muita bobagem, mas deixa pra lá. Valeu a pena esperar o livro de Audálio.



Entrevista com o presidente Lula (2009)

Companheiros de Fenaj

Bem-humorado, **Carlos Marchi**, jornalista e escritor, conta que os dois (ele e Audálio), “rebeldes, chegamos a Brasília para tomar posse na Fenaj. Eu não o conhecia pessoalmente. O Audálio é uma das pessoas mais corajosas que já conheci. É extraordinário, um conciliador. Ele sabe negociar. Eu sou mais briguento”.

É ele quem diz. Casado pela quarta vez, afirma que “é muito bom renovar”. Nascido em Macaé, Rio de Janeiro, 1946, foi estudante de Direito e de Comunicação Social. Jornalista desde 1970, trabalhou nos principais jornais brasileiros (*Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*) e na TV Globo. Secretário-geral do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal e vice-presidente da Fenaj, combateu ativamente a ditadura militar. No movimento que determinou a transição para a democracia, em 1984, foi assessor do candidato eleito à Presidência da República, Tancredo Neves. Como presidente da antiga Empresa

Brasileira de Notícias (hoje EBC), participou no primeiro governo democrático após a ditadura. Depois dedicou-se à atividade de consultoria em jornalismo e publicidade. Até recentemente era assessor de José Aníbal, deputado do PSDB. Seu livro *O último enforcado*, conta o mais trágico erro da justiça brasileira, ocorrido em meados do século XIX, em Macaé, no norte da então Província do Rio de Janeiro. Marchi reconstituiu o drama pessoal do fazendeiro Manoel da Motta Coqueiro, condenado à morte pelo assassinato de uma família de colonos. Vítima de uma conspiração montada por poderosos adversários políticos, Coqueiro teve dois julgamentos parciais e foi condenado à morte. Após a sua execução, descobriu-se que era inocente. Condoído por não ter concedido a graça imperial e ao dimensionar o erro judiciário e a injustiça cometida, o imperador Pedro II – um homem que fazia questão de ser e parecer justo – passou a perdoar cada vez mais condenados à morte, antecipando informalmente o fim da pena de morte no Brasil.



Audálio Dantas

A verdadeira idade de Audálio Dantas (*)

Dúvidas sobre a verdadeira idade de Audálio sempre existiram. Mas ano passado, às vésperas de mais um aniversário desse sempre repórter (que transcorreria em 8 de julho), Ricardo Kotscho resolveu tirar o assunto a limpo e perguntar para a mulher de Audálio, Vanira, se ele estava fazendo mesmo 80 anos, como diziam os amigos em comum. A resposta dela foi: sim e não. E antes que desse um nó na cabeça de Kotscho, o próprio Audálio resolveu esclarecer: ia fazer 77 anos, mas também 80. A resposta sobre essa idade dupla, saborosíssima, Ricardo publicou no seu *Balaio do Kotscho* (<http://colunistas.ig.com.br/ricardokotscho/?s=aud%C3%A1lio>), em 24 de junho, e você confere a seguir:

Pois então, resolvo a questão. Confusão desse tipo é coisa lá de cima, tá aí o Lula que não me deixa mentir.

Seguinte: lá no Tanque d'Arca, onde nasci, tinha cartório, escrivão e tudo mais, porém meu pai, homem de muito capricho, achou que para o menino ficaria melhor um

registro em Maceió, portentosa capital do Estado de Alagoas.

Foi deixando, foi deixando, e quando resolveu eu já estava taludinho e, segundo várias testemunhas, muito inteligente. Merecia até estudar.

Andava pelos 7 anos e, garantiam, poderia ter um brilhante futuro na Marinha Brasileira, onde poderia estudar de graça. E foi para apressar a possibilidade de ingresso na Escola de Aprendizes Marinheiros que me botaram mais três anos nas costas.

Assim, meu caro, tenho duas idades: a oficial, no papel, e a verdadeira, mas só consta da tradição oral, familiar.

Escolha aí a que você prefere festejar. Aceito presentes em duplicidade. A conclusão desta história é: a Marinha perdeu a oportunidade de contar com a minha contribuição. Lá eu seria, no mínimo, capitão-de-mare-paz. Quem sabe, até um almirante daqueles cobertos de galões e medalhas. O mais provável, porém, seria pegar uma cana por considerar legítima a Revolta da Chibata...

O professor **Carlos Chaparro**, da USP, amigo de ambos, pegou carona e na época publicou em seu *O Xis da Questão* (www.oxisdaquestao.com.br), que Audálio deveria ser considerado e tratado como bem público, "pelo muito que cavou, plantou, colheu e distribuiu", independentemente da idade que tivesse: "Nessa dimensão de bem público, a quantidade dos anos já vividos não passa de insignificante pormenor. Essa não é medida que se use para avaliar o mérito humano de um cidadão que dedica a sua vida, não importa há quantas décadas, às causas sempre inacabadas da Justiça, da Liberdade, da Dignidade Humana, da Dignidade do Trabalho e do Patriotismo. E o fez, e o faz, com arma da palavra, usada sempre com invejável arte e serena coragem, nas muitas lutas em que tem pelejado e continua a pelejar – como jornalista, escritor, líder sindical, político idealista e cidadão exemplar".

(*) Parcialmente reproduzido de J&Cia 699

Adoniran Barbosa, Elis Regina e... Audálio Dantas

Cantar ele não canta, mas presta uma atenção...

Às vésperas do fechamento desta edição, topamos na internet com uma preciosidade, verdadeiro achado: um vídeo de 1978, em que Elis Regina canta com Adoniran Barbosa, numa mesa de bar decorada por garrafas de cerveja, alguns sambas do compositor paulista. Sentado ao lado de Elis, Audálio Dantas. A esposa dele, Vanira, diz lembrar que Audálio comentou uma vez que esse encontro foi no Bar da Carmela ("acho que nem existe mais"), no Bixiga, na Almirante Marques Leão, em São Paulo. Ela conta: "Foi como convidado da Elis, de quem era amigo. Era gravação para uma emissora de tevê. O Adoniran também era amigo. Tinha cantado no Sindicato junto com outros artistas (Paulinho da Viola, Eduardo Gudim e outros) numa festa de comemoração. Aliás, outra curiosidade: o Adoniran fala do Audálio num dos discos dele, mas não me lembro qual". Vale a pena conferir o imorredouro talento de Elis e Adoniran: <http://www.almacarioca.com.br/arte059.htm>. Audálio só presta atenção.



Uma vida em detalhes

A seguir, a íntegra da entrevista que Audálio Dantas concedeu em 26/3/2010 a **Eduardo Ribeiro, Wilson Baroncelli e Luís Anversa**, respectivamente, diretor, editor-executivo e assistente de Redação de J&Cia:

Jornalistas&Cia – Onde você nasceu, como foi a sua vinda para São Paulo?

Audálio Dantas – Tanque d'Arca ou Tanque da Arca. É apostrofado para ficar mais importante. Uma cidade muito pobre em Alagoas, na transição da mata para o agreste. Lugar bonito, com muita água e que, por conta disso, mesmo antes de o automóvel chegar por ali era parada obrigatória para as pessoas que iam e vinham do sertão, os almocreves, aqueles que transportavam mercadorias. A cidade nasceu em função disso. Conta-se que um dia eles carregaram os burros e despencou uma arca naquele rio... Eles chamam de tanque o lugar em que ele fica mais largo e fundo, um remanso. Aí caiu a arca e ninguém achou mais. Espalhou-se a lenda de que ela estava cheia de moedas de ouro, etc. e tal, mas a arca, embora nunca tenha aparecido, permaneceu no imaginário da população e no nome da cidade, que

ficou ali, meio esquecida. Teve até um tempo de algum progresso, mas parou. E por quê? Porque a estrada, que era de tropeiros, virou estrada de rodagem. Originalmente, quando ela chegava na cidade, logo topava com a serra, um bonito e imenso bloco de pedra, tinha que fazer uma volta para tomar o rumo do sertão. Quando fizeram a estrada nova mudaram o percurso, não passando mais por ali.

J&Cia – E você viveu lá até que idade?

Audálio – Saí pequeno, depois voltei, e já mais grandinho saí novamente, aí de vez. Menino, estava com...[reflete] cinco para seis anos quando vim para São Paulo com toda a família. Nós tínhamos outros parentes por aqui. Meus avós maternos e alguns tios-avós, que moravam na capital e no interior, na Alta Sorocabana. Viemos de navio, porque em 1937 não tinha estrada. Ficamos uns dois anos e pouco, até meus pais se separarem e minha

mãe voltar com os três filhos para Alagoas. Lá ela contava com o amparo da minha avó paterna, Maria Adélia. E meu pai disse: "Vai lá com a minha mãe que depois eu vou". E aí voltamos os três... Éramos três irmãos, o menor, de colo ainda...

J&Cia – Como se chamavam seus irmãos?

Audálio – Onésio era o mais novo, desse primeiro casamento... Éramos o Onésio, eu e a Olga. Depois, do segundo casamento de minha mãe, vieram o Paulo e o Roberto.

J&Cia – Todos vivos?

Audálio – Todos. Eu fiquei por lá... Meu pai voltou, mas ele não parava muito...

J&Cia – Seu pai fazia o quê?

Audálio – De tudo. Esse era o grande mal (risos). Era desses tipos curiosos, que aprendem de tudo. Marcenaria, construção... Uma vez, quando eu já estava vivendo em São Paulo,



Audálio Dantas

cheguei lá de volta em Tanque D'Arca e ele estava construindo um silo de zinco de uns 8 metros de altura. Outra vez, fez de uma roda de bicicleta uma espécie de roda da fortuna, com os bichos do jogo pintados.

J&Cia – No olho...

Audálio – É, é... Ele era assim. E fazia bons trabalhos.

J&Cia – Você acabou fazendo um vaivém entre São Paulo e Tanque D'Arca...

Audálio – Quando foi em... [reflete] 1944, por aí, minha mãe, que havia voltado para cá (São Paulo) sem os filhos, porque aqui estavam a mãe dela e outros parentes, mandou uma carta dizendo que eu viesse também, pois queria os filhos de volta. Havíamos ficado os três por lá com a avó, esperando o dia em que alguém fosse nos buscar. É a história do migrante. Aí veio essa carta dizendo que ela falara com uma família conhecida que vinha para cá e que eu deveria vir junto. Mas apenas eu vim. Os outros dois vieram depois. A primeira viagem tinha sido um deslumbramento, com a capital, Maceió, o mar, a maravilha e aquela coisa toda... O navio

da Costeira, um Ita, parando na Bahia, em Vitória, no Rio de Janeiro, até Santos. Subir a serra de trem, até São Paulo, era uma coisa muito bonita. Mas essa segunda vez foi mais complicada. Primeiro, porque eu estava sem a família, sozinho... Era um garoto de 12 anos, perdido. Essa viagem é o que eu chamo de "rodo-fluvio-ferroviária". Primeiro, uma estrada de terra até a beira do rio São Francisco, na altura de Propriá, em Sergipe, onde começava a estrada de ferro... Como é que chamava?... [reflete] Era Leste Brasileiro... Estrada de Ferro do Leste Brasileiro. É que ali naquele ponto você não pode subir de barco pelo São Francisco por causa da cachoeira de Paulo Afonso. Essa viagem foi triangulada: de Propriá até Salvador e de Salvador, ainda de trem, até Juazeiro, onde começava a navegação até Pirapora. Eu peguei esse barco-gaiola chamado Benjamin Guimarães. Dizem que até hoje navega, mas agora é um barco de turismo. Naquele tempo ele levava gente pobre e também os soldados, porque os navios da Costeira pararam de navegar por causa da guerra. Alguns tinham sido torpedeados.

J&Cia – Estavam afundando alguns aí pelo mundo...

Audálio – Estavam, estavam. Isso tudo, portanto, foi por causa da guerra. Eu sou vítima de guerra (risos).

J&Cia – Você lembra quantos dias durou a viagem?

Audálio – Não lembro. Essa de barco, apesar da pobreza que carregava, era um deslumbramento. Primeiro, porque o São Francisco sempre foi muito bonito. E segundo, porque a viagem era muito movimentada, com passageiros subindo e descendo nas muitas paradas, carga entrando e saindo, e eu ali vendo tudo aquilo e conversando muito, sobretudo com os soldados. O barco era uma espécie de trem parador. Devem ter sido uns dez dias... O trecho final foi de trem, de Pirapora à antiga Estação do Norte, em São Paulo.

J&Cia – Lá no Brás?

Audálio – No Brás, atual Roosevelt. E aí aquela família, que havia me trazido, seguiu de trem para o interior, e eu fiquei ali mesmo, na estação. Lembro muito bem. Disse: "Pode deixar que eu sei o caminho". Eu me lembrava

da casa da minha avó materna, Filomena, que morava no alto de Santana. Naquele tempo, era uma região praticamente de chácaras, terrenos, e eu me lembrava disso. Eles falaram: "Tem certeza?... Olha a irresponsabilidade, né?" Eu disse: "Tenho" (risos). Aí fui até o largo de São Bento e ali peguei o bonde.

J&Cia – Tinha dinheiro no bolso?

Audálio – Algum dinheiro eu tinha. Depois tomei o bonde 43, Santana, que parava lá na parte alta, e andei mais uns dois quilômetros, por um caminho que eu conhecia bem.

J&Cia – São Paulo já estava em sua memória...

Audálio – Ôoo, se estava...

J&Cia – Nessa sua volta, nesses sete anos até o retorno, você alimentava essa ideia de voltar para São Paulo?

Audálio – Na verdade não muito, porque,

ao mesmo tempo, eu gostava muito de lá, sobretudo da minha avó... uma mulher de muita coragem. E era a minha terra.

J&Cia – Com essas perambulações, como foram seus estudos?

Audálio – Do jeito que deu. Interrompi. Quando voltei para São Paulo retomei o grupo escolar [N. da R.: equivalente aos quatro primeiros anos do atual Ensino Fundamental], que já estava atrasado. Mas aí aconteceu uma coisa importante. Eu tinha um professor (professor Pacheco, do Grupo Escolar Frontino Guimarães, lá em Santana), que no meio do ano me incentivou a prestar o exame de admissão [para o ginásio], abreviando aquela etapa. É que eu tinha uma boa base, porque a escolinha municipal lá da velha Tanque d'Arca, embora pequena, era excelente. Dona Dulce Gomes, até hoje viva, era e é uma mulher fantástica, maravilhosa.

J&Cia – Qual foi a última vez em que você esteve lá?

Audálio – No ano passado (2009)...

J&Cia – Ainda tem parentes por lá?

Audálio – Tenho, mas são distantes. Alguns primos em Tanque d'Arca, os Martins Dantas. Os mais próximos são os Ferreira Ferro, em Palmeira dos Índios.

J&Cia – Mas voltando à professora...

Audálio – Bom, essa professora era muito boa. Eu fazia leitura de classe e ela achava que eu lia muito bem. Isso ajudou bastante. Ao mesmo tempo, eu tinha muita curiosidade pela leitura. Não demorou muito eu estava lendo Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Zé Lins [do Rego]... e assim foi. Depois o Graciliano [Ramos] foi o que me pegou. Então eu fiz a admissão, passei e fui cursar a Escola Técnica de Comércio, embora nunca tenha pensado em me dedicar aos negócios. Gostava mesmo era de ler. Curiosamente, meu pai tinha uma padaria em Alagoas. Um negócio, aliás, que ele montou bem ao seu estilo, metendo as caras, fazendo tudo praticamente sozinho. Construiu o forno (e nunca tinha construído um). Aquela abóbada de tijolo, aquela porta de ferro...

J&Cia – Tinha bem o perfil de engenheiro mesmo...

“Eu tinha uma boa base, porque a escolinha municipal lá da velha Tanque d'Arca, embora pequena, era excelente. E a última das professoras de lá, até hoje viva, era e é uma mulher fantástica, maravilhosa.”

Audálio – Tinha. Ele construiu as masseiras, a máquina de cilindros, fazia o fermento...

J&Cia – Qual era o nome de seus pais?

Audálio – Meu pai se chamava Otávio (Martins Dantas) e minha mãe, Rosalva (Ferreira Ferro).

J&Cia – E qual foi seu primeiro emprego em São Paulo?

Audálio – Foi em um balcão de padaria, quando eu tinha uns 13 anos.

J&Cia – Você chegou, passou no exame de admissão e já começou a trabalhar, é isso?

Audálio – Trabalhava de dia e estudava de noite. A padaria em que eu trabalhei existe até hoje. É a Charlu, na Brigadeiro Luiz Antonio, no Jardim Paulista, esquina da rua Guarará.

J&Cia – E como você ia para o trabalho?

Audálio – De bonde até o Largo de São Francisco e de ônibus até a padaria. Encurtando a história, quando eu tinha 17 para 18 anos arrumei um emprego num laboratório fotográfico de um austríaco chamado Fritz Mannheim, que gostava muito de mim e com quem aprendi muito.

J&Cia – E onde entra a Folha de S.Paulo na sua vida?

Audálio – Foi no começo dos anos 50, no Laboratório Fotográfico, quando a Folha mudou da Rua do Carmo para a alameda Cleveland. Quem começou lá comigo foi o **Luigi**

Mamprin, que era um excelente fotógrafo e também muito culto, embora nem se desse muito conta disso. Tinha sido *partisan* na guerra na Iugoslávia. Minha formação de esquerda, antifacista, vem muito daí.

J&Cia – Até aí a política ainda não havia entrado em sua vida?

Audálio – Não tinha. Isso começou de fato na Folha, onde havia uma célula do Partido Comunista. Lá pelos idos de 1953 ou 54, por aí. E, além do Mamprin, havia outros colegas maravilhosos da esquerda. Um era o **Aristides Lobo**, cujo nome é bastante conhecido até hoje. Outro, o **Noel Gertel**, um sujeito maravilhoso. Pai do Eloi e da Vera.

J&Cia – O **Ermínio Sacchetta** ainda estava por lá?

Audálio – Não, o Sacchetta havia saído para fazer O Tempo. Mas tinha o **Armando Gimenez** e outros que eram do Partido Comunista. Eu fiquei pouco tempo no Laboratório. Comecei a fotografar e as pessoas gostaram. Naquele tempo eram três Folhas: a da Manhã, a da Tarde e a da Noite.



Igreja matriz de Tanque d'Arca, cidade de nascimento de Audálio



Audálio Dantas

J&Cia – Quem você chegou a acompanhar nesse início de carreira?

Audálio – Fiz dobradinha, por exemplo, com o **Hideo Onaga**, que era um estrelão. E também com o **Carlos de Freitas**, outro grande repórter e também um bom poeta.

J&Cia – Tem lembrança da primeira foto publicada?

Audálio – Disso não me lembro. Mas lembro bem de uma reportagem em que não tive uma única foto publicada porque ela não foi escrita. Era sobre uns índios que haviam sido desalojados lá em Santa Catarina e eu fui como fotógrafo do Hideo. Foi uma grande frustração! (risos)

J&Cia – Mas voltando ao Partido Comunista...

Audálio – Eu nunca participei pra valer, nunca me filiei. Principalmente porque não aceitava aquela rigidez dogmática. O **Vitório Martorelli** – que era uma espécie de guru do Partido Comunista e jornalista também, redator, uma espécie de “capa preta” – uma vez me convenceu a ir a um congresso de jornalismo e pude ver ao vivo a rigidez, ele

comandando tudo, dando toda orientação. Aquilo só reforçou minhas convicções. Nunca concordei com essa prática e portanto nunca a adotei. Mas sempre fui uma pessoa de esquerda e próximo do Partido Comunista. Por todas as razões, sobretudo porque era o que havia e tinha uma história de luta importante... Depois, no golpe de 64, o Partido Comunista adotou uma posição com a qual eu concordei... contra a luta armada...

J&Cia – E como você virou repórter de texto?

Audálio – Eu tinha passado uma temporada ligado aos padres salesianos, no Externato Santa Teresinha. Aí, eles organizaram uma excursão a Rio do Sul, no vale do Itajaí, em Santa

Catarina... Aquele cenário meio europeu, construções em estilo alemão e tal... Voltei com as fotografias e escrevi uma matéria.

J&Cia – Você a tem guardada?

Audálio – Devo ter... Lembro do título: *O Vale do Itajaí lembra cartões postais europeus*. Por quê? Porque na Folha só se faziam títulos de duas linhas iguais. Às vezes era um título de merda por causa disso! (risos) Eles gostaram muito e eu passei a ser um cara mais ou menos adotado pela redação. Magrinho, pau-de-arara... Os caras achavam que eu escrevia bem. Aí passei a fazer reportagem. A Folha estava numa fase de valorização da reportagem, principalmente a parte de texto.

“Quem começou lá comigo [na Folha de S.Paulo] foi o Luigi Mamprin, que era um excelente fotógrafo e também muito culto, embora nem se desse muito conta disso. Tinha sido partisan na guerra na Iugoslávia. Minha formação de esquerda, antifacista, vem muito daí.”

J&Cia – O **Zé Hamilton Ribeiro** falou que foi pra lá em 57.

Audálio – Por aí... Eles fizeram um concurso.

J&Cia – E ele era egresso da faculdade.

Audálio – Acho que foi o primeiro egresso de faculdade de Jornalismo, a **Cáspes Libero**, que começou a trabalhar na Folha. Eu tinha começado na reportagem em 1954.

J&Cia – Quem mais estava por lá?

Audálio – O **Helio Pompeu**, o **Nabor Caires de Brito**, esses eram os secretários de Redação. O Helio na Folha da Manhã, o Nabor na Folha da Noite e o **Mário Lobo** na Folha da Tarde. E todos eles começaram a me solicitar matérias... Até gostavam. E também alguns colegas, como o **Cícero Afonso Vieira**, que ainda hoje está por aí e que era preparador de texto – não se usava ainda o termo copidesque –, dizendo: “Olha, eu vi a matéria, seria melhor por ali...”, ou então “Olha, o texto está muito bom, mas não use essa expressão”. Era bem assim. E como a Folha dava abertura, fiz também algumas matérias que eu mesmo propus. Ou seja, comecei de fato a fazer reportagem, com o detalhe de que o noticiário do dia-a-dia, propriamente dito, eu quase não fiz.

J&Cia – Tem recordação de algum outro trabalho importante dessa fase?

Audálio – Em 56, se não me engano, o **Mario Mazzei Guimarães** me mandou fazer reportagens sobre a energia de Paulo Afonso, que estava começando a se expandir para o Nordeste... A usina tinha começado a operar. Ele falou: “Vai lá e faz a usina e o que mais você achar interessante”. Imagina se isso seria feito hoje! (risos) Escrevi umas 15 reportagens. Fiz da usina; da cidade que estava nascendo do lado da usina; um sociólogo que fez comparações de um Brasil novo que estava nascendo ali, a cidade dos funcionários da usina, cheia de jardins, escola, cinema e a favela que ia nascendo em volta. Essa foi uma das matérias. E fiz matéria econômica também. Quanto gera, quanto vai custar... Fiz sobre o pioneiro do aproveitamento hidrelétrico de Paulo Afonso, **Delmiro Gouveia**... Ele construiu uma cidade a 20 km da cachoeira, montou uma fábrica de linhas de costura, uma maravilha de história. Depois fiz uma matéria sobre a cana-de-açúcar em Alagoas, fui visitar Tanque D’Arca e aproveitei para fazer matéria também lá: “Tanque D’Arca é onde o correio chega a cavalo”. Naquela época, a agência mais próxima ficava em Paulo Jacinto, onde

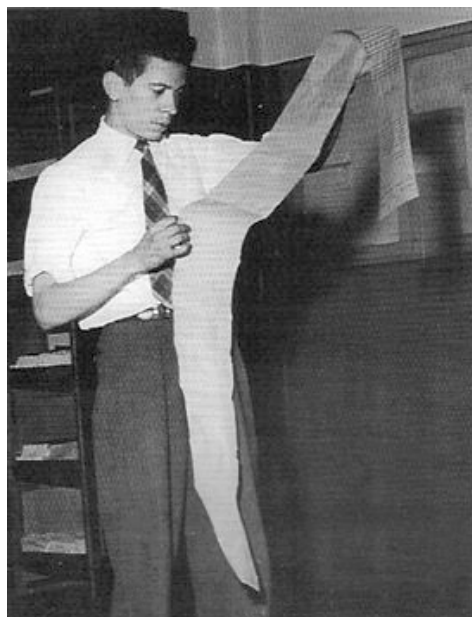
passava a estrada de ferro, a Great Western, a uns 30 km, e tinha um cara a cavalo que levava os malotes. Engrenei na reportagem. Em 57 fizemos juntos, **Zé Hamilton**, eu e **Vitor Gouveia**, uma viagem num jipe DKW Vemag. Fomos de São Paulo ao Maranhão, porque para lá não havia estradas. Voltamos pelo litoral, depois pelo centro, até o Rio Grande do Sul. Cada um fez uma etapa...

J&Cia – Você fotografou também?

Audálio – Não. Uma etapa foi o **Gil Passarelli**, outra foi o **Antonio Pirozelli**. E isso durou tempos... Essa matéria nós inscrevemos no *Esso* e empatou com uma do *Estadão*. Decidiram no sorteio e nós ficamos putos.

J&Cia – Nos estudos você seguiu até onde?

Audálio – Fiquei lá. Parei, para andar mais na reportagem... Fui me “autodidatando”. Em 59 fui contratado pelo *Cruzeiro*. Fui pedir demissão e aí o **Nabantino Ramos**, que era o dono do jornal e gostava muito de mim, me chamou e disse: “Como é que você vai fazer isso...? Vai perder o tempo de serviço...” Eu retruquei: “É a revista *O Cruzeiro*”. Ele falou: “Fica aí...” Só que não falou em me pagar pelos anos de casa... Eu fui para o *Cruzeiro*, claro! Imagina, *O Cruzeiro* era ainda uma referência... 500 mil



Na Folha de S.Paulo: laudas emendadas

exemplares por semana, era um luxo. Tinha até uma edição internacional em espanhol, que circulava pela América espanhola e nos Estados Unidos. Era natural viajar pela América Latina. Eu fui para Argentina, Equador, Peru, México...

J&Cia – A sua primeira viagem internacional foi qual? Você chegou a viajar pela Folha?

Audálio – Foi pelo *Cruzeiro*. Primeiro para a Argentina, depois Equador, fazer matéria sobre guerrilha... São histórias interessantes. Fui ao Peru, por exemplo, cobrir a eleição, que tinha como candidatos o Haya de la Torre e o Belaúnde Terry... Ganhou o Belaúnde... Mas o que eu queria dizer é que havia semanas em que *O Cruzeiro* tinha repórteres nos cinco continentes. Tinha repórter aqui, na Europa, na Ásia, na África. Aí em 64 ela começou a decair... e afundou de vez nas mãos do **Alexandre von Baumgarten**, que era articulado com a ditadura.

J&Cia – Que morreu, literalmente, “com a boca cheia de formigas.” [N. da R.: ligado aos órgãos de informação da ditadura, morreu em

1982 em circunstâncias nunca esclarecidas.]

Audálio – Como repórter de *O Cruzeiro*, entrei, isso bem depois, numa lista de comunistas (risos). Em 78, por aí... Depois, quando fui deputado entrei novamente na lista de comunistas. Mas no *Cruzeiro* conheci gente fundamental. Quem eu queria e até disputava para diagramar matéria era o **Zivaldo**. E ele fez várias matérias minhas. Eu ficava em São Paulo, mas nenhuma matéria era diagramada sem a presença do autor. Sabiam disso? Era um luxo! Pegava o avião e se a diagramação demorasse, ficava no hotel uma semana. Acompanhava junto com o diagramador. Trabalhavam lá o **Luiz Carlos Barreto**, que hoje é um homem rico, o **Zivaldo**, o **Mário Moraes**, o **José Medeiros**, o **Millôr Fernandes**, o **Luciano Carneiro** – que era um grande repórter...

J&Cia – O **Zé Pinto**...

Audálio – O **Zé Pinto**, o **Jânio de Freitas** – que era copidesque –, o **Zuenir Ventura**... Maravilha... maravilha... E aqui em São Paulo acabei sendo chefe de Reportagem. Em todos os lugares em que estive acabei ocupando



Audálio Dantas

cargos de chefia ou equivalentes. Era um peso, não sei se continua, mas quem se destacava na reportagem virava chefe. Aconteceu na Folha, no Cruzeiro... Mas eu sempre falava: "Eu topo, desde que tenha liberdade de também fazer reportagem, ir para a rua".

J&Cia – No Cruzeiro você ficou até 1966 e aí foi para a 4 Rodas, não é isso?

Audálio – Isso. Acho que o redator-chefe de 4 Rodas era o Hideo Onaga. Ali eu também terminei sendo redator-chefe. O Zé Hamilton Ribeiro era outro que estava por lá. O **Mino Carta** chegou um pouco antes de minha passagem. Lembro que o Mino fez um roteiro pela Bahia e um texto imenso, acho que tinha umas 45 laudas de matéria! (risos) Uma coisa

de louco! E eu fui ser... Imaginem, sempre apaixonado pela reportagem, fui ser editor de Turismo, cargo que aceitei com a condição de que pudesse sair de vez em quando. E por conta disso acabei fazendo viagens interessantes. Era estrada, hotel, restaurante, paisagem... isso me sacudi bastante. Pouco tempo depois, propusemos, eu e **Mário Escobar de Andrade** – que acabou sendo diretor da revista Playboy e faleceu já há alguns anos –, fazer um roteiro no México, que teria Olimpíadas em 1968 e depois outro, para a Copa do Mundo em 1970. Além de matéria sobre o país, faríamos um roteiro para quem viajasse para lá. O Mario fez uma etapa até o Peru e voltou. E eu fiz uma segunda etapa até o México com o

fotógrafo **Oswaldo Maricato**. Um cara fantástico, de muita sensibilidade... Meio aloprado, mas muito interessante... Bom, nessa viagem entramos em Honduras no dia da chegada do homem à Lua. Quando estávamos passando na fronteira ouvimos no rádio: "Tegucigalpa (nós íamos para lá) acaba de ser bombardeada pelas forças salvadorenhas." Era a "guerra do futebol", que tinha explodido naquele dia! Ai, o que iríamos fazer? Voltar não dava mais porque fecharam a fronteira. "Ah... vamos lá, vamos ver a guerra". E fomos. Estávamos de carro e passamos pelo aeroporto, que ficava na beira da estrada, a uns 10 km da cidade, por volta de seis da tarde – naquela época a cidade era mais ou menos o que é Guaratinguetá hoje. Passamos do aeroporto e continuava caindo bomba. Era o segundo bombardeio e estava escurecendo. Havia barreiras e nelas os soldados do exército obrigavam quem estava de carro a apagar os faróis e parar onde estivesse. Obedecemos, até porque não havia alternativa, e para nossa sorte logo que descemos avistamos um boteco com as lamparinas acesas e lá fomos tomar umas... Seguimos depois a pé

"Em todos os lugares em que estive acabei ocupando cargos de chefia ou equivalentes. Era um peso, não sei se continua, mas quem se destacava na reportagem virava chefe. Aconteceu na Folha, no Cruzeiro..."



até o centro da cidade para procurar um hotel. Na manhã seguinte, a guerra nos esperava e lá fomos nós cobri-la! Eu lembro até hoje...

J&Cia – E como vocês fizeram pra ir?

Audálio – Fomos os primeiros jornalistas brasileiros a chegar àquela guerra e eu me comuniquei com a Veja – nem lembro quem estava lá. Falaram: "Ô rapaz! Vai em frente e faça a matéria!". Isso era uma 4ª.feira e se a reportagem fosse enviada até a madrugada de 6ª.feira daria para entrar na edição do final de semana. Para ir até o centro do confronto precisava de autorização das Forças Armadas. Falamos com o cônsul brasileiro e ele nos deu uma bandeira do Brasil, que fixamos no capô do carro. Ajeitamos ainda uma bandeirinha branca e fomos às Forças Armadas (risos) de Honduras. E lá obtivemos autorização formal para cobrir a guerra. Eu devo ter esse papel ainda em algum lugar, assinado por um coronel: "Sr. Audálio Dantas e Sr. Oswaldo Maricato estão autorizados a ir à Frente Sul para cobrir a guerra por sua conta e risco" (risos). No dia seguinte eles cederam um avião – e já estava cheio de jornalistas – para nos levar até uma cidadezinha, Santa Rosa Copan, na frente sudoeste. Chegamos e já havia corpos de soldados mortos. Fomos para a frente de

batalha em uma picape Aero Willys de carroceteria aberta, fabricada no Brasil, que eles tomaram de alguém. Íamos todos apinhados atrás. Atravessamos uma zona de fogo cruzado, com guerrilheiros, franco-atiradores... uma coisa complicada. Chegamos perto da fronteira de El Salvador com a Guatemala e paramos num ponto da estrada onde havia um Hospital de Sangue, cheio de soldados "felizes" feridos, muitos morrendo. Aí chegou um general e disse: "Vocês estão autorizados a me acompanhar" Era um convite para irmos à frente de batalha, porque ainda não era ali. Ele foi num jipe à frente e nós o seguimos. Tinha uma ladeira imensa, estrada de terra. Quando chegamos a uma curva, a poeira do general já estava lá na frente. De repente, um susto geral. O carro lá da frente, com o general, havia dado meia volta e vinha em nossa direção. E nele o general gritava: "Que vuelvan! Que vuelvan!"

J&Cia – Era o inimigo na frente...

Audálio – Sem dúvida. E em vez de voltar imediatamente o pessoal na carroceteria ainda começou a discutir se voltava ou não... Tinha um velhinho fotógrafo, que até coloquei na minha matéria, que falou: "Pô! Que absurdo! Viemos até aqui e agora que chegamos na guerra de

verdade vamos ter que voltar?!". Eu não me contive e retruquei: "Nós temos que ir embora, pô! Até o general voltou..." (risos). Àquela altura o general já ia longe, descendo a ladeira... A maioria resolveu voltar. Ou seja, havíamos de fato chegado à frente de batalha.

J&Cia – E como você mandou a matéria?

Audálio – Aí tem uma outra história. Na 5ª.feira à noite, já em Tegucigalpa, fui atrás disso e descobri que só havia dois ou três telexes na cidade. Um no quartel do Exército (acho que tinha outro na Presidência) e outro no Hotel Prado, que era o melhor hotel, na praça central da cidade. Tinha uma fila de repórteres mandando matérias. Eu fui paro o quarto, escrevi sete laudas e depois fui lá para a fila. Era meio da madrugada e eu, exausto, não agüentava mais. Tinha passado dois dias sem dormir... Entreguei o texto para o rapaz do telex, perguntei se estava tudo bem e ele respondeu: "Tranquilo! Tranquilo!" Me dei por satisfeito e fui dormir, sem conferir o envio. No outro dia me ligam da revista informando que a matéria não havia chegado. Já era 6ª.feira à

noite, no Brasil, e eles: "Porra! Cadê a matéria?!". E eu: "Mandeil!". "Como mandou, não chegou aqui!". "Eu mandei, pô!". Aí fui conferir e vi que os caras tinham mandado o telex para um endereço errado, uma fábrica em Santo André. Resultado, só foi chegar na redação na 2ª.feira e aí já não adiantava nada. Como foi uma guerra curta, que terminou logo na 3ª ou 4ª.feira, o jeito foi cozinhar aquele material para aproveitá-lo na edição seguinte. Mas o furo tinha sido perdido.

J&Cia – Depois da 4 Rodas veio a Realidade.

Audálio – Isso. Quando fiz essa matéria já era redator-chefe da 4 Rodas. Quando voltei, no final de 69, fui convidado para a Realidade.

J&Cia – Como repórter?

Audálio – Como repórter. Depois me fizeram editor (risos). Mas eu fiquei uma boa temporada fazendo reportagem, como gostava.

J&Cia – Você lembra da primeira matéria que fez lá?

Audálio – Foi uma que parecia impossível. Quem é que tava lá...? (reflete) Zé Hamilton...

o **Mercadante [Luiz Fernando]**. E aí me passaram a primeira pauta: uma matéria sobre Minas Gerais. Genérica. Eu digo: "Porra! Fazer uma matéria sobre Minas Gerais?". A explicação: "Olha, tem uma crise econômica danada por lá... Minas Gerais perdeu prestígio, está fechando banco... Chega lá, vê o que está acontecendo..." E ao mesmo tempo havia movimentos sociais importantes, a Tradicional Família Mineira, movimento contra a minissaia... O que eu ia fazer? Fomos eu e o Luigi Mamprin, companheiro dos velhos tempos da Folha. Comecei a entrevistar gente... Gente de todo lado. Entrevistei o folclórico José Maria Alkmin [fui com ele até a cidade de Bocaiúva de teco-teco e lá comemos um belo frango com quiabo. Na volta, o aviãozinho não podia descer porque o aeroporto estava lotado. O piloto dava voltas e ao ser cobrado dizia: "Não dá para pousar, temos que esperar". Aí o Alkmin pegou o microfone e falou: "Oh, aqui é o Alkmin!". O controlador na torre respondeu: "Ah, Doutor Alkmin! Meu pai é muito amigo seu!". Na torre de controle! "Ah, Doutor, espera só



Audálio Dantas

um pouquinho. Pode descer!” (risos), ouvi sociólogos, falei com o padre que era atleticano fanático e rezava missa na trave do gol (risos). Entrevistei a Dona Lalá, que era de tradicional família mineira, ouvi o banqueiro *Joãozinho Mamãe*, que tinha esse apelido porque dava papagaio para todo mundo, principalmente pra jornalista (risos). E papagaio não era coisa fácil não! Só para amigo. Mas ele dava papagaio. O Mamprin teve a idéia de pendurar umas pipas no gabinete do homem. E fez foto dele com todos os papagaios (risos). Aí fomos para o interior, encontramos uma velha, de Curvelo, espalhadora de boatos e bochichos. E fomos a Diamantina, onde havia restos de garimpos, dos tempos em que Minas estava no auge. Pegamos um boiadeiro... A matéria chamava “Oh! Minas Gerais”.

J&Cia – Depois veio o Sindicato?

Audálio – O Sindicato foi em 1974. Eu ainda estava na Realidade, mas descontente e brigando porque estavam mudando a linha da revista. Aí saiu muita gente, inclusive eu.

J&Cia – Você ficou alojado um pouquinho em TV Guia. Teve até uma matéria com o

Moacir Franco... (N. da R.: **Eduardo Ribeiro** e **Wilson Barancelli**, respectivamente diretor e editor-executivo de J&Cia, eram repórteres em TV Guia nesse período, 1976)

Audálio – É... Coisas assim também que não eram nada do meu perfil. Estava lá o **Woile [Guimarães]**. Ah! O **Caco Barcellos!** Aí eu fui trabalhar na Manchete, mas fiquei apenas três meses por lá como chefe de Reportagem em São Paulo. Briguei, mas foi uma briga que valeu a pena. O convite para o Sindicato veio no final de 1974. Levei um susto. Nunca pensei em dirigir o Sindicato. Participava das campanhas porque havia um grupo de esquerda que tentava derrubar a direita que restava lá, desde 1964. E aí surgiu o Movimento de Fortalecimento do Sindicato, que era, de fato, um movimento de base. E vieram até mim dizendo: “Precisamos de um nome que tenha trânsito e respeitabilidade e chegamos a conclusão de que é você”.

J&Cia – Quem fazia parte desse grupo?

Audálio – Nesse grupo tinha gente que até hoje me dá grande saudade. O **Gastão Thomaz de Almeida**, que também era da

Folha... O **Zé Aparecido**, que fazia interior... Da Abril, tinha o **Milton Coelho da Graça**, esse sim ligado ao Partido... O **Wilson Gomes** e o **Tulmann Neto**, dos Diários, **Osmar Santos**, que andava fazendo um sucesso danado como locutor de futebol. Me levaram a uma reunião superconcorrida na casa do Milton no Brooklin, e acabei aceitando ser o candidato da oposição à eleições do Sindicato

J&Cia – Foi apertada a votação?

Audálio – Foi. Nós ganhamos no primeiro escrutínio por 27 votos. Mas precisávamos de mais. A eleição foi para o segundo turno e ganhamos por uma diferença maior, mas ainda assim não foi muito grande.

J&Cia – Nesse momento a sua vida deu uma guinada...

Audálio – É... A eleição para o Sindicato foi um movimento político muito interessante, que, por conta de combater os chamados pelegos, atraiu gente importante da profissão. Foram movimentados os dias das eleições... Realmente valeu a pena. Nós fazíamos as reuniões do grupo no Instituto dos Arquitetos do Brasil, na Bento Freitas. O mesmo IAB,

que já se destacava na luta contra a ditadura. O presidente era Eurico Prado Lopes, que o general Ednardo [D’Ávila Mello, então comandante do II Exército] mandou prender... Isso foi em 1975... Quando aceitei a missão tinha plena consciência de que estava praticamente terminando a minha carreira de repórter. Não me arrependi... Foram anos de boa luta, de muita atribulação. Medo, por que não? Tensão...

J&Cia – Houve essa primeira fase de união...

Audálio – A proposta era de unidade. Era mais ou menos a ideia do Partidão. Aliás, o **Elio Gaspari** diz que foi o Partidão que organizou a chapa, mas não é verdade... Houve participação, mas o movimento era ecumênico, tinha gente de várias tendências.. O único militante do Partidão na diretoria foi o **Luis Weis**. Tinha o **Zé Aparecido**, que havia sido portuário e pertencido ao Partidão, mas não estava mais. O **Milton Coelho**, que era do partido e um dos articuladores do movimento, não entrou na diretoria. De todo modo, o fato é que a proposta de unidade – por sinal o Jornal Unidade apareceu nessa fase, tem uma história bonita aí no meio –, no meu entender, era o espelho da frente política que estava lutando no plano nacional.

J&Cia – Era o MDB?

Audálio – Isso. O MDB juntava todas as tendências. Tinha o MDB autêntico, o MDB fisiológico, tinha os caras da direita lá dentro, mas foi essa unidade que fez a frente democrática... Foi o que aconteceu no Sindicato. E uma das propostas foi abrir as reuniões da diretoria para não-diretores. Começaram a ter uma participação frequente e tinham voz e a mesma respeitabilidade dos diretores, embora não pudessem votar. Mas a opinião deles quase sempre era incorporada às decisões da diretoria. Era o caso do **Perseu Abramo**, figura magnífica, do **Alípio Freire**, que era da AP... O fato é que tinha gente de várias tendências. E o Perseu, que era trotskista, mostrou-se sempre um dos caras mais moderados. Não era como o pessoal da Libelu [Liberdade e Luta, uma tendência trotskista

do movimento estudantil na década de 70]. Ele era fantástico!

J&Cia – Como foi aquela passagem no dia do enterro do **Vlado (Vladimir Herzog)**?

Audálio – O Perseu teve um papel fundamental naquele dia. Estava marcada a reunião – não podíamos falar em assembleia –, às 7 horas da noite no Sindicato para discutir as ações que deveriam ser tocadas e a diretoria foi intimada a ir às 5 horas no II Exército. Nesse dia, o Sindicato, que denunciara a morte do Vlado, já era uma coisa maior, uma instituição de toda a sociedade e não mais apenas dos jornalistas. E estava todo mundo lá, associados e não associados, jornalistas e não jornalistas. E não podíamos caracterizar aquilo como assembleia porque, pela lei sindical, as circunstâncias daquele encontro poderiam caracterizar uma ilegalidade, o que permitiria

“O convite para o Sindicato veio no final de 1974. Levei um susto. Nunca pensei em dirigir o Sindicato. (...) E vieram até mim dizendo: ‘Precisamos de um nome que tenha trânsito e respeitabilidade e chegamos a conclusão de que é você.’”

à polícia fechar o Sindicato e aí acabava o instrumento de denúncia, de mobilização. Quando eu saí para o II Exército encontrei o Perseu chegando e disse: “Perseu, pelo amor de Deus, segura as pontas aqui!” Ele ficou ali na porta do Sindicato até eu voltar, segurando as pessoas, inclusive os que queriam propor passeata e tal... Quando chegamos de volta já eram quase 8 horas da noite. Foi nesse dia que eles exibiram aquelas fotos clássicas do Vlado enforcado, desfigurado, da autópsia... Queriam provar o “suicídio”.

J&Cia – Qual foi o momento mais tenso? Como eram tomadas as decisões?

Audálio – Primeiro, o fato mais importante é que o Vlado morreu num final de semana em que as coisas já estavam menos tensas. Vínhamos de dias terríveis, com uma sucessão de prisões, uma atrás da outra, mas naquele momento a aparência era de calma. Por isso a maioria dos diretores do Sindicato acreditava que as coisas tinham amainado. Outra coisa: muita gente pensa que o Sindicato apareceu depois da morte do Vlado e não foi assim, foi

bem antes. Principalmente nas prisões. Antes do episódio do Vlado, por exemplo, teve a prisão do **Sérgio Gomes**, no Rio. Eu nunca vou esquecer. Chegou um casal de portugueses no Sindicato, a mulher chorando: “Ah, meu filho! Me ajude por favor!... Era a mãe do Sérgio Gomes. A partir daí, com a nota que emitimos denunciando as prisões, entramos num processo de tensão muito forte. E a pressão foi crescendo. Na semana em que o Vlado morreu, eu havia participado, por decisão da diretoria, da Conferência Internacional da Sociedade Interamericana de Imprensa, que aconteceu ali perto, no hotel Hilton. Levei a lista de jornalistas presos e denunciei de viva voz! E por conta disso fui chamado novamente pelos militares, sob a alegação de estar insultando as Forças Armadas. E parou por aí. Isso foi numa 3ª ou 4ª feira. Achamos que ao tornar públicas aquelas denúncias conseguiríamos inibir a repressão, obrigando-a a segurar a onda.

J&Cia – E isso, é claro, acabou não acontecendo...

Audálio – Eles não queriam, mas aconteceu

a morte do Vlado. Um possível “acidente de trabalho”.. O momento de grande tensão foi na manhã do dia 26 [de outubro de 1975], um domingo. A notícia começou a circular na noite de sábado. Eu tinha viajado para fazer uma palestra para estudantes em Presidente



Revista O Cruzeiro: Audálio com meninos de Canudos, nas ruínas do Cruzeiro da igreja velha (Foto: George Torok)



Audálio Dantas

Prudente. Fiquei sabendo da morte do Vlado de madrugada. Peguei um voo num Bandeirante logo de manhãzinha e cheguei em Congonhas umas 8h30, 9h, indo diretamente para a casa do **Jordão [Fernando Pacheco]**, diretor cultural do Sindicato, que era o amigo mais fraternal do Vlado, companheiro com quem convivera no Brasil e também fora, em Londres, quando os dois trabalhavam na BBC.

J&Cia – *O Vlado foi para a Cultura por indicação do Jordão, não é isso?*

Audálio – Sim, Vlado foi para a TV Cultura em 1970, quando Jordão dirigia o Jornalismo da emissora. Em 74, por pressão dos militares, os dois terminaram saindo.. Em 75, o Jordão já estava na Globo aqui em São Paulo, foi convidado a voltar, não aceitou e indicou o Vlado. De alguma forma, sentia-se responsável por tudo aquilo e chorou muito. Quando o encontrei, disse: “Vamos redigir logo numa nota para levar ao Sindicato, pois o pessoal já está por lá”. Chegamos com uma nota já pronta. Mas aí aconteceu uma coisa fantástica, que nos permitiu perceber a dimensão exata da importância daquele momento. Além dos

diretores como o Gastão, o Wilson Gomes e vários outros, começaram a chegar muitos outros jornalistas. O que inicialmente seria uma reunião de diretoria passou a ser uma reunião ampliada com todos os jornalistas presentes. E eram muitos, vários deles opinando. O que, aliás, era a proposta do Sindicato. Evidentemente, fizemos uma coisa dentro do limite que tínhamos naquelas circunstâncias. Mas o fato é que aquela nota, que era fundamental e o documento mais importante nessa história toda, não foi enfiada goela abaixo e teve a aprovação de uma espécie de assembleia. E a grande sacada dela, além de responsabilizar os militares pela morte... já que eles têm a guarda etc., foi mostrar e denunciar o estado das coisas como estavam, as prisões ilegais. Exigíamos o fim desse estado de coisas e, ao final, convidávamos para o enterro.

J&Cia – *Irritando ainda mais os militares, que queriam uma coisa bem discreta, não é?*

Audálio – Sim, até porque uma das hipóteses, dentre as inúmeras, era a de que obrigassem o sepultamento no domingo, na ala dos suicidas do Cemitério Israelita do Butantã

(Vlado era de origem judaica). Sem alarde. Mas nós fizemos aquela conclamação e os jornalistas de todas as redações conseguiram colocar anúncios fúnebres estendendo o convite à sociedade. Não foi à toa que chegaram lá quase mil pessoas. E o movimento àquela altura já se mostrava irreversível. Estava nas ruas. Essa semana, de 2ª a 6ª. feira, a começar pelas convocações dos militares até o culto ecumênico, foi a semana mais complicada. Estávamos no fio da navalha, no olho do furacão. A ideia do culto ecumênico surgiu naquela reunião também. **David de Moraes**, que depois viria a ser presidente do Sindicato, propôs inicialmente uma missa. Essa, como todas as propostas, foi depois discutida em reunião da diretoria Nada do que estava sendo discutido podia ser aprovado ali, numa reunião a que não faltavam, naturalmente, agentes infiltrados. Por exemplo, uma proposta de passeata ao II Exército... A gente se reunia, discutia o que fazer, o que não fazer. A proposta da missa, claro, estava aprovada. Mas aí surgiu a ideia magnífica do **Helio Damante**, figura maravilhosa, tranquila, era

do Rio. Ele explicou que não podia ser missa. O Vlado era judeu e não podemos violar a religião dele”. E propôs um culto ecumênico. Naquele momento, em que o movimento ecumenista estava crescendo, surgiu a ideia de falar com Dom Paulo [Evaristo Arns, então cardeal-arcebispo de São Paulo], que estava numa conferência de bispos, e ele já foi logo armando o culto. Falou com uma comissão de rabinos, argumentou, até que eles concordaram em mandar o Sobel [Henry]. E nesse meio de semana, o Erasmo Dias [coronel do Exército, então secretário estadual de Segurança] parecia disposto a endurecer ainda mais o jogo. Os rumores davam conta de uma tal *Operação Jacarta*, que promoveria um massacre... Prometiam repetir um massacre ocorrido anos antes na capital da Indonésia. Era um clima pesado... E a Libelu querendo

fazer passeata, insuflando pela passeata! E do outro lado a repressão querendo só mais um pretexto para endurecer de vez o jogo e mandar mais alguns de nós para junto do Vlado e outros companheiros assassinados. O próprio coronel Erasmo Dias mostrou toda a sua truculência numa entrevista ao Estadão, dizendo: “Esses comunistas estão pensando o quê? Estamos numa guerra! E guerra é guerra!. Antes que eles nos jantem, nós os almoçamos!”. Olha que situação complicada! E foi isso até o culto.

J&Cia – *Logo depois, na sua sucessão, a diretoria do Sindicato rachou, não é mesmo?*

Audálio – Fui sucedido pelo **David de Moraes**, que foi eleito porque já fazia parte de um grupo ligado à Igreja – não me lembro se também era ligado à AP [Ação Popular, organização política surgida da juventude católica].

Nossa proposta era a de que o candidato da continuidade saísse de uma convenção com a participação de delegados indicados pelas próprias redações. Embora eu tivesse mais de 90% da preferência dos colegas para sair candidato à reeleição, segundo uma sondagem feita não me lembro por quem, eu disse: “Não quero...”. E não queria mesmo, até porque nunca pretendi seguir carreira sindical. Não estava sequer pensando em candidatura a deputado (que veio a ser, em 1978). Nada disso. Aí surgiu o nome do David. Aí, muita gente no Sindicato passou a hostilizar a gestão anterior. Porque – isso foi no começo de 1979 – estava surgindo o PT, o pré-PT. Aliás, esse grupo, ainda durante a minha gestão, falou várias vezes: “Precisamos trazer o Lula aqui”. Nunca trouxeram... Se tivessem levado seria ótimo, mas nunca foi. Nem no Herzog. Depois, na greve de 79, na gestão do David, ele participou de assembleias.

J&Cia – *Ele esteve na Casa de Portugal...*

Audálio – Isso foi numa assembleia... Mas antes da greve já havia esse discurso... Quando houve a greve, ele se acentuou... Ainda mais porque havia várias pessoas que eram contra a greve, inclusive o **Emir Nogueira**, que era contra mas acabou fazendo greve.

“Embora eu tivesse mais de 90% da preferência dos colegas para sair candidato à reeleição, segundo uma sondagem feita não me lembro por quem, eu disse: ‘Não quero...’. E não queria mesmo, até porque nunca pretendi seguir carreira sindical.”

J&Cia – *Você ficou na diretoria do David?*

Audálio – Fui delegado à Fenaj. Mas aí o racha já estava concretizado, com muitas hostilidades contra o pessoal do Partidão. E na greve se acentuou mais ainda, porque o Emir Nogueira, que era um dos líderes desse grupo hostilizado, fez a greve mas sempre enfatizou em seu discurso que ela era errada porque os jornais estavam saindo e noticiando a greve... Aí o Emir acabou sendo escolhido como o nosso candidato para a sucessão do David, e se elegeu.

J&Cia – *Várias pessoas disseram que o David também era contra a greve...*

Audálio – Não sei... Porque o David era meio religioso, meio messiânico, mas é provável... Mas aí é que surge a candidatura do Emir e vão me buscar para ser candidato a vice. Aí houve o embate... Estava lá o **Rui Falcão**, que era o candidato a presidente na chapa da situação.. E havia discussões de corredor que eram terríveis... Acusações de que éramos de direita... Uma coisa terrível. Foi muito ruim... Mas, ao final, ganhamos – e muito bem – as eleições,

numa clara demonstração de que a categoria continuava do nosso lado e que a eleição anterior, do David, naquelas circunstâncias, ocorrera por um descuido e talvez por falta de visão nossa de como seria aquela administração. Esse foi o racha. Eu, particularmente, fui sempre muito hostilizado no Sindicato. Nunca me convidavam para nada. Mas todos sabem que nas greves dos metalúrgicos em 1979 e 1980 eu estava lá nos piquetes, na Praça da Matriz de São Bernardo, cercada e ameaçada de invasão pelos militares.

J&Cia – *Isso te machucou muito?*

Audálio – Machucou... Houve um tempo em que, por conta disso, fiquei assim... antipetista. E olha que eu havia participado de reuniões prévias de fundação do partido, porque o MDB estava lá, dando apoio... Eu via várias vezes o **Goldman [Alberto]**, o **Resk [Antonio]**, o **Teotônio Vilela**, o **Fernando Henrique Cardoso**. E comecei a ver que era uma coisa meio de seita. Da mesma maneira que eu não quis me filiar ao Partido Comunista, eu achava que também aquele movimento era

por demais sectarista. Muitos lá ostentavam um ar de quem estava fundando o movimento operário no Brasil...

J&Cia – *E hoje, passados tantos anos?*

Audálio – Olha, alguns ainda me olham meio de canto de olho... de soslaio... Mas o fato é que na greve dos metalúrgicos, nós, os chamados de “direita”, estávamos lá. O **Goldman [Alberto]**, o **Fernando Moraes**, muitos outros. O Resk e eu acordávamos às duas da manhã para ir a piquete na Volkswagen...

J&Cia – *Mas aí você já estava com mandato...*

Audálio – Já.

J&Cia – *Quando o Emir faleceu, em 1982, no meio do mandato como presidente do Sindicato, você era vice dele, mas já era deputado federal pelo MDB. Acabou se licenciando para a Lu [Fernandes], que era secretária, assumir...*

Audálio – Sim. Falei para a Lu que eu não poderia assumir, primeiro porque eu estava na Câmara e segundo porque eu havia aceito convite do então governador Franco Montoro



Audálio Dantas

[governador de São Paulo] para assumir a Presidência da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em março de 1983, ao final de meu mandato como deputado federal.

J&Cia – *E depois da Imprensa Oficial?*

Audálio – Tive ainda uma passagem como Superintendente de Comunicação da Eletropaulo e aí em 1995 me aposentei, e fundei a Alcom.

J&Cia – *E a entrada no mundo literário, como foi?*

Audálio – Bom, como eu disse, eu tinha essa vocação literária, escrevia alguns contos, aquela coisa que quase todo mundo faz. As minhas grandes reportagens seguiam essa linha, que chamam de jornalismo literário, termo com do qual não sou fã, mas que é muito usado. Um jornalismo da grande reportagem, de profundidade, vamos dizer assim, que permite a utilização de recursos, de técnicas de literatura, sem que se deixe de lado o essencial, que é a informação. E foi sempre isso que fiz. Tem uma reportagem minha, feita para a Realidade, sobre caçadores de caranguejo, que é muito utilizada nos cursos de jornalismo,

por ser considerada uma espécie de exemplo de bom trabalho jornalístico. Parece ficção, mas não é... é um fato. Ela mostra a caça ao caranguejo em uma aldeia da Paraíba, que vive disso, e na matéria eu decidi fazer um contraponto entre a caça e o caçador. Mas isso não implicou inventar coisas. É aquilo... Os caras vão entrando, tapam o buraco, o caranguejo reage do jeito que pode... Eu fiz quase um teatro: caranguejo/homem, caranguejo/homem... Depois comecei a fazer alguns livros... Particpei de coletâneas, escrevi até conto erótico... Um dos livros é *Repórteres*, que organizei, cuja proposta é o jornalista contar a grande reportagem, o que é, como se

faz. Depois comecei a escrever livros infanto-juvenis, também por acaso...

J&Cia – *E a Carolina de Jesus?*

Audálio – Ah! A Carolina de Jesus... Ela apareceu num momento em que eu já me inclinava para a literatura. Foi fazer uma reportagem na Favela do Canindé, onde hoje está a Marginal, perto do Estádio da Portuguesa. Uma favelinha pequena. E a minha proposta era ver como as pessoas viviam. Passei dois, três dias rodando por ali. Em certa altura aparece a Carolina, que morava lá, esbravejando contra um grupo de marmanjos que estava usando indevidamente o parquinho infantil, os brinquedos das crianças. E os ameaçou

“As minhas grandes reportagens seguiam essa linha, que chamam de jornalismo literário, termo com do qual não sou fã, mas que é muito usado. Um jornalismo da grande reportagem, de profundidade, vamos dizer assim, que permite a utilização de recursos, de técnicas de literatura, sem que se deixe de lado o essencial, que é a informação.”

dizendo que ia botar tudo no livro. Livro? Aguçou minha curiosidade e fui até ela pedir para ver o que era, do que falava. Era uma pilha de cadernos, com um diário de tudo o que acontecia por lá. Olhei e de imediato vi que era ouro puro. Pedi e ela me emprestou um caderno. Levei o caderno, fiz um abre para a matéria e transcrevi vários trechos. Fez um sucesso enorme! Os textos são de uma força descritiva muito forte, às vezes lírica, da miséria. Daí saiu o livro [*Quarto de despejo*]. Meu trabalho nele é a compilação. Não interferi no texto dela. E foi um enorme sucesso.

J&Cia – *O seu segundo livro foi o Circo [do Desespero]?*

Audálio – Não, ainda teve um outro livro dela, *Casa de alvenaria*. Ela escreveu um novo diário, com o chamado lado bom. Fora da favela. Depois veio o *Circo do Desespero*, que é um livro de 1976... Ele traz 12 reportagens minhas. Deve ser encontrado ainda em alguns sebos por aí. Penso em reeditá-lo.

J&Cia – *Você ainda fez O Chão de Graciliano e algumas curadorias...*

Audálio – Fui por aí, mas sempre ligado à literatura. Em 2001, fiz uma exposição enorme no Sesc Pompéia, “100 Anos de Cordel”, sobre literatura popular, que ocupou toda aquela

parte de baixo do prédio da instituição. Depois veio “Chão de Graciliano”, e mais à frente “Na terra de Macunaíma”, em parceria com **Fernando Granato**. Era sobre a gestação do livro do Mario de Andrade. Fiz algumas outras coisas e, na verdade, a exposição sobre Graciliano nasceu quando eu estava conversado com a viúva dele, dona Heloísa, figura maravilhosa, sobre o livro que estava escrevendo e que buscava mostrar a região onde Graciliano nasceu e ambientou os primeiros livros etc.. Mostrar sua atuação na literatura e na realidade de hoje. Aí surgiu a ideia de unir a isso um ensaio fotográfico feito pelo **Tiago Santana**. Esse livro acabou sendo *Prêmio APCA*. Entrei depois nos infanto-juvenis. Fiz Ziraldo, Maurício de Souza, Ruth Rocha e Graciliano Ramos – o único não vivo é o Graciliano Ramos, que foi o primeiro. No final do ano passado lancei *O menino Lula*. É a infância dele, mas não é um livro infantil. É uma história sem alegria.

J&Cia – *O jornalismo valeu a pena para você?*

Audálio – Putz, se valeu! Primeiro porque o jornalismo em si, como eu entendo, é uma coisa de alto sentido e de comprometimento social. Não importa se o jornal é desse ou de outro jeito... Mesmo sendo jornais como

a maioria hoje é, partidarizados, engajados, sei lá... Em algum momento eles são muito importantes.

J&Cia – *Foi o caso do apoio e depois o arrependimento em relação ao golpe de 64, não é mesmo?*

Audálio – Sem dúvida. A grande imprensa brasileira, com raríssimas exceções, participou e apoiou o golpe de 64... Se conteve na omissão da informação... No começo até queriam dar. Mas depois perceberam que mesmo que quisessem não conseguiriam. Perceberam, o Correio da Manhã, depois o Estadão, antes dos outros, o tamanho do estrago. A Folha ficou sem editorial de janeiro de 1969, depois do AI-5, até pouco depois do culto ecumênico em memória do Vlado. Eles até tinham uma coisa boa, que era o espaço na página dois para articulistas, como o **Dines [Alberto]** por exemplo. Mas editorial mesmo não tinha. Voltou porque o assassinato de Vlado e a reação da sociedade significavam um momento de transformação. O País estava em suspense e tudo poderia acontecer... Alguém usou uma imagem que eu vou reproduzir no meu livro: “Terminou o culto e as pessoas saíram pelas várias portas da catedral como riachos de águas límpidas.” Estavam todos prontos, àquela altura sim, para

qualquer passeata. A grande imprensa deixou de praticar essa coisa feia que é autocensura. Acho que depois do processo de redemocratização, do movimento das diretas, a imprensa passou a cumprir o seu papel, a atender de fato aos seus clientes, que são as pessoas que compram o jornal ou a revista, escutam o rádio ou assistem a televisão.

J&Cia – *E financeiramente? O jornalismo te fez uma pessoa rica?*

Audálio – Eu vivia melhor nos tempos de empregado, antes de ser eleito deputado. Quando fui para a Câmara um parlamentar ganhava proporcionalmente muito menos do que hoje. Eu ganhava menos do que na redação. E apesar de tudo o que sempre se falou e se fala, das tais mordomias, eu acabava colocando dinheiro do bolso para dar conta das muitas atividades. Vendi imóveis para pagar contas; um deles, em Parati, até hoje me dá dor de cabeça, por conta de impostos que o comprador deixou de pagar e agora estão me cobrando (risos). O fato é que não consegui ficar rico, não! (risos) Eu bem que gostaria, mas não consegui... E nos últimos anos isso não melhorou. Os projetos e as verbas das empresas para projetos culturais encolheram e os meus rendimentos também. Ou seja, a coisa piorou. Estou com uma dividazinha razoável. Se for contabilizar cartão de crédito, cheque especial, que cobram juros de agiota, e mensalidade atrasada de escola, posso me

considerar o próprio inadimplente! Mas estou tentando pagar tudo (risos).

J&Cia – *Em que você está trabalhando atualmente?*

Audálio – Estou chegando à metade do livro sobre o Vlado. Pela manhã me dedico a isso e de tarde fico na revista [Audálio é diretor de Redação da Negócios da Comunicação, da Editora Segmento].

J&Cia – *Consegue ter uma boa remuneração na literatura?*

Audálio – Quem me dera... Livro dá um dinheirinho assim, tal, mas é mais satisfação pessoal do que outra coisa.

J&Cia – *Do ponto de vista pessoal, sua participação no episódio Vlado, num momento especial da história, foi um acontecimento de certo modo inusitado. Qual o significado que isso tem para você? Foi o destino?*

Audálio – Essa é uma pergunta interessante. Muitas coisas que acontecem na minha vida, coisas importantes, seja no sentido pessoal ou profissional, deram-se sem que eu procurasse e sempre de baixo para cima.



Com a mãe, Rosalva, e a filha Juliana, aos 4 anos (1982)



Audálio Dantas

Acabei liderando vários movimentos sem nunca ter procurado por isso. Foi assim no Sindicato. Eu gostava muito da minha atividade de repórter, viajando pra lá e pra cá e tal. Dois anos antes, acho que foi em 1973, cheguei do Chile onde tinha ido cobrir a eleição do Salvador Allende e segui dois dias depois para o Canadá. Uma vida muito agitada, mas da qual eu gostava. Imagina só: numa semana com Allende em Santiago e na outra com o primeiro ministro Pierre Trudeau, no Canadá, para uma matéria sobre um confronto com Quebec. Era fascinante. Aí vem o grupo do Sindicato e diz que eu era a pessoa indicada para liderar aquele movimento e quando vi já

estava no fogo cruzado. E assim foi em outros momentos. Cargos de direção em jornal e revista, aconteceu muito de torcerem para eu assumir. E eu nunca exerci nenhum desses cargos com autoritarismo. Sempre parti do princípio de que sempre temos alguma coisa a aprender com o outro, com a equipe... Mas têm gente que sacaneia...

J&Cia – Qual foi o grande erro nessa sua trajetória profissional e política e o grande acerto?

Audálio – (Reflete) Um dos erros, um grande erro, foi sair da Abril e ir para a revista Manchete. A Manchete era um revista picareta, terrível e eu não aguentei. Saí em três meses.

Reclamavam quando tinha foto de preto na rua. Esse tipo de coisa. Eu disse: “Putá que pariu, o que estou fazendo aqui...? Por quê que eu vim parar aqui?”. Talvez fosse a necessidade. Eu saí de um lugar e não tinha outra coisa e como precisava trabalhar desembarquei ali. Mas percebi rapidamente e fui embora. Mas certamente houve outros. Agora... acertos? (reflete muito) Foi ter aceitado, apesar de no início relutar, sair candidato a deputado federal. Me orgulho do trabalho que fiz, num período muito difícil, de embate com a ditadura. Numa pesquisa que o jornalista **Gerardo Mello Mourão** fazia sobre o trabalho dos parlamentares, fui considerado o melhor deputado da bancada de São Paulo e um dos dez mais atuantes do Brasil. Passei quatro anos na Câmara sem ir uma vez sequer pedir coisas em ministério, algo muito mais comum do que se imaginava entre o pessoal da oposição. Apenas uma vez eu fui ao Ministério da Justiça e foi para protestar contra a censura. Era o Petrônio Portela, que me chamou de “príncipe dos jornalistas”... Fiquei sem jeito, mas dei o recado, né? (risos) Particpei de corpo e alma da campanha da

“Acertos? (reflete muito) Foi ter aceitado, apesar de no início relutar, sair candidato a deputado federal. Me orgulho do trabalho que fiz, num período muito difícil, de embate com a ditadura. Passei quatro anos na Câmara sem ir uma vez sequer pedir coisas em ministério, algo muito mais comum do que se imaginava entre o pessoal da oposição.”

Anistia... Lembro com grande alegria do trabalho que fizemos... Apresentei emendas, briguei, fui pra rua... E contribuição importante foi a criação, por proposta minha, da Comissão de Recepção aos Exilados, para receber os brasileiros que começaram a regressar, como o Brizola, o Arraes e muitos outros e que ainda estavam sujeitos à perseguição política e da polícia e Forças Armadas. Era uma comissão partidária, do MDB, que coordenei. Nós íamos buscar os exilados no aeroporto. E com isso o Brasil pôde receber condignamente seus exilados. Tive, nesse projeto, o apoio de outros colegas da Câmara, como a também jornalista **Cristina Tavares**, figura maravilhosa, que era de uma família conhecida de Pernambuco, o **Modesto da Silveira**, que era advogado de presos políticos, o **Teotônio Vilela**, que conheci lá e com quem tive um bom convívio, enfim, vários colegas importantes.

J&Cia – Voltando ao jornalismo, você considera o jornalismo brasileiro contemporâneo de qualidade? Que virtudes apontaria e quais seriam as suas principais fragilidades?

Audálio – Claro que você não pode generalizar, mas há uma maioria de jornais que incorpora ideias que são resquícios do autoritarismo. Têm um sentido forte de classe,

uma reação visível. Veja bem, eu nunca fui do PT, votei no Lula em todas as eleições que ele disputou para presidente, mas nunca sai por aí empunhando a bandeira do PT. Mas há na mídia uma reação visivelmente preconceituosa contra ele... até por causa de suas origens. Isso se reflete muito na crítica. Acho que há uma crítica de classe mesmo e o princípio da defesa intransigente da chamada iniciativa privada, que deve estar acima de tudo: “O Deus do Capital”. Pegue-se o caso da proposta do Conselho Federal de Jornalismo, que na verdade deveria ser Conselho Federal de Jornalistas, uma coisa da categoria profissional mesmo. O que fez a mídia? Por acaso debateu o tema, noticiou com isenção, analisou os prós e contras? Eu próprio fiz algumas críticas, mas acontece que o comportamento da mídia nesse episódio foi, no geral, absolutamente antidemocrático. Não quis discutir e tratou de colocar em campo todo o seu arsenal bélico para abater o projeto em pleno voo! E qualquer pessoa que tentasse discutir... Tudo isso em nome da liberdade de expressão! Uma das coisas de que eu me orgulhava em meu trabalho no Congresso Nacional era a luta pelas políticas democráticas de comunicação. O que era isso?

Eram diretrizes que garantiriam a prevalência do interesse público ante o interesse privado, aquela história de concessões de tevê não serem mais para parlamentares, porque os canais afinal são propriedade do Estado e, conseqüentemente, são também propriedade do povo... e, portanto, os detentores têm responsabilidades para com a sociedade. E não se falou nisso. A mídia não tocou nesse assunto. E quando toca é para dizer que tudo não passa de ameaça à liberdade de imprensa... Outro exemplo? A proposta da Fenaj, ainda nos anos 80, de criação do Conselho Nacional de Comunicação, que entrou na Constituição de 88. Foi aprovada e só vieram a regulamentar 13 anos depois, em 2001. Ficou ali meio escondida e depois de aprovada funcionou dois anos e aí desapareceu. Por quê? Porque não querem, não têm interesse que funcione. O empresariado acha que aquilo lá é um instrumento de controle. Qualquer coisa que se pense no sentido de discutir o papel da mídia é considerado como tentativa de controle, de censura e tal. Então, uma das maiores vitórias minhas, que fui um dos que lutaram pelo Conselho, foi por água abaixo exatamente – ironia do destino – depois que conquistamos a democracia. Houve até uma

“ameaça” de retorno do Conselho, na época em que o Arlindo Chinaglia era o presidente da Câmara, mas que não deu em nada. Vale esclarecer que o Conselho é por lei um órgão auxiliar do Congresso Nacional e são o Senado e a Câmara que indicam os seus integrantes, pessoas da sociedade civil, do empresariado, dos trabalhadores, das universidades etc.. O Chinaglia me ligou dizendo que queria me convidar para integrar o Conselho e eu respondi: “Tá legal, mais uma coisa pra eu fazer de graça. Mas vamos lá...” (risos) E nunca mais falaram nada. O Conselho continua inativo... não faz nada! Não se reúne. Aí veio aquela coisa da Conferência Nacional de Comunicação, uma oportunidade para debater e discutir um tema relevante para a democracia, mas, partindo da perspectiva de que ela seria instrumentalizada pelo pessoal do PT, as entidades patronais começaram a desistir e recusaram a participação democrática. Isso, sem negar a importância dos jornais, é uma coisa muito ruim. E podemos avançar mais um pouco. Vivemos hoje num país absolutamente sem censura. Mas

quais são as insinuações que volta e meia vemos em um ou outro órgão de imprensa? Que “querem voltar com a censura” Isso não é verdade, mas de tanto a mídia falar e bater nesta tecla falsa, parece verdade. Vira uma campanha.

J&Cia – Qual é a simbiose entre patrão e empregado nesse processo? As redações não têm voz própria, não conseguem se impor?

Audálio – Temos uma categoria de certo modo fragilizada. Principalmente agora, com a queda da exigência do diploma. Mas isso já vem há muito tempo. O que acontece é que houve – e aí é o outro lado dessa exigência do diploma – uma inflação de profissionais no mercado. A demanda por mão-de-obra é muito menor do que o número de profissionais disponíveis. Há obviamente muitos cursos bons, mas todos sabemos que se formou no Brasil uma indústria do diploma, onde proliferam cursos de picaretagem, faculdades de jornalismo espalhadas por todo o Brasil sem as mínimas condições. Isso é um lado da moeda, mas tem o outro, o dos profissionais que conseguem

uma posição de destaque, em colunas, por exemplo, e que ficam mais realistas do que o rei, do que o dono. Na Folha tem gente mais realista do que o Otavinho [Otavio Frias Filho], no Estadão há gente mais realista do que o Mesquita [Ruy]... que cuida só dos editoriais. Há colegas assim, e não são poucos. Por exemplo, o papel do **Arnaldo Jabor** no Globo... Um ex-comunista. Ele foi comunista muito tempo, da UNE... De repente, sabe-se lá por que razão, mudam e começam a fazer campanhas sistemáticas. Estão lá parece que a serviço... ninguém sabe direito de quê... contra tudo o que possa ser popular. Pegue-se o Chavez, por exemplo. Ele é um político por vezes... exagerado, né...? (risos) É um milico dos bem tapados, faz coisas de uma burrice incrível e tem uma prepotência fantástica. Mas, vamos lá, foi eleito! Aí uma rede de televisão venezuelana faz campanha pra derrubar o cara, conspira, arma um golpe de Estado, e ninguém fala nada. Mídia golpista pode, né? Os opositores viram donos da verdade. Só o lado deles têm vez e a mídia fica demonizando



Audálio Dantas

Chaves. Isso é uma coisa perigosa. Tem um cara na Veja... Um não, né...? Vários (risos).

J&Cia – *Que papel o jornalismo cumpre nesse novo contexto?*

Audálio – Acredito – pode até ser conservadorismo – que o jornal de papel continua sendo o pilar... Ele é fundamental. Exige, no mínimo, mais reflexão e cuidado com a informação, que não vai ficar girando no ar, mas vai ficar impressa, registrada por toda a eternidade. O avanço da internet, que é uma coisa ótima e transcende o jornalismo, traz um novo tipo de abordagem, que eu chamo de jornalismo de ocasião, eventual... do cidadão que participa e que coloca sua opinião. Mas nada disso vai substituir a mídia impressa, aquele jornalismo que tem um compromisso com o leitor. A gente vê nos Estados Unidos os grandes e tradicionais veículos, como o NY Times, vendendo um pedaço do prédio, cobrando o acesso ao conteúdo para driblar a crise... Aí vê surgir o jornalismo das novas tecnologias, que é de aproveitamento, sem o compromisso tradicional com o consumidor da informação. Há uma senhora que tem um

jornal virtual nos Estados Unidos que emprega 50 jornalistas, contra cerca de mil do NYTimes. Ela é um concorrente fantástico do NYTimes, mas duvido que ela dê 10% da informação com a qualidade de quem tem mil jornalistas pesquisando. Aqui no Brasil é a mesma coisa. Você pega os noticiosos da internet e percebe que a maioria tem pouquíssima apuração. Vive de cozinhar o jornal impresso, a partir do noticiário. Você pega um desses principais jornais de internet, de manhã ele tem três manchetes: vai ver, uma saiu na Folha, outra no Estadão e assim com praticamente todas as notícias... Aí você abre às cinco horas da tarde e estão lá as mesmas três manchetes. E tem aquele negócio de atualizar notícias de última hora... Pô, eles não investem para buscar informação! Então, nós temos essas novas tecnologias, essas plataformas, o celular... é tudo fantástico... mas quem de fato continua a fazer jornalismo buscando a informação na fonte primária são os jornais.

J&Cia – *Dá para falar, no Brasil de 2010, em jornalismo puro-sangue, aquele com interesse social e imparcial? Haveria espaço no Brasil*

para a abertura de novos veículos que buscassem uma linha diferente?

Audálio – Espaço há, mas acho difícil que surjam investimentos nesse sentido. Abro um parêntese para dizer que um dos segredos da grande reportagem – cuja época de ouro foi nos anos 60 e 70... Realidade, Jornal da Tarde, Jornal do Brasil etc. – é que se investia em reportagem... Hoje não investem mais... a maioria do noticiário do dia-a-dia é feita por telefone.

J&Cia – *Vamos fazer um contraponto: quando entrevistamos o Roberto Civita, ele disse com as seguintes palavras: “Se houvesse mercado para a Realidade hoje, você acha que a Abril não investiria?”*

Audálio – Aí a gente teria que pensar no capitalismo de boa vontade (risos)... Digamos, a gente faria um jornalismo mais comprometido com a sociedade, o aprofundamento da informação, mas isso não interessa.

J&Cia – *A base educacional também não seria um fator? Uma boa parte da geração não vem bem formada e já vai para o computador...*

Audálio – Isso também. A formação, no caso específico do jornalista é um dos aspectos mais complicados. Exige que a pessoa tenha vocação. Sem isso, sem um interesse e uma dedicação mais profundos, fica-se na superfície e aí a internet é perfeita, por nela tudo ser muito superficial.

J&Cia – *A imprensa tem cumprido o seu papel?*

Audálio – Sim. Mas mesmo que em vários pontos não esteja engajada na defesa dos anseios da maioria, o papel importante é aquele definido certa vez por Rui Barbosa (que era lá um chato, mas um chato de muito valor): “A imprensa é os olhos da Nação. Os olhos e os ouvidos”. E é verdade. Veja aquele caso recente envolvendo o juiz Fausto de Sanctis. Tinha muita gente querendo detoná-lo de todas as formas, pelos interesses que começou a contrariar. Não fossem os veículos e os jornalistas mais comprometidos com a informação e com a verdade dos fatos, certamente ele teria sucumbido na estrutura do Judiciário. Ao expor um tema de forma relevante e honesta para a opinião pública, os jornais dão uma grande contribuição. Inibem atitudes viciadas e desonestas. E termina o Tribunal, no caso do juiz de Sanctis, não aceitando seu afastamento.

Então, a imprensa, nesse sentido, é mesmo os olhos e os ouvidos da Nação. Esse papel ela sempre terá e por isso é indispensável.

J&Cia – *E em relação a esse ciclo de escândalos sucessivos na política, sobretudo em Brasília, que vem desde o mensalão, que análise você faz?*

Audálio – O bom é que ao denunciar a imprensa joga luz em fatos que vão contra os interesses do País. O ruim é quando isso se transforma num processo de marketing ou tenha uma postura de moralismo, de defesa de princípios morais, quando se sabe que não é exatamente isso o que está em jogo.

J&Cia – *Fala dos interesses?*

Audálio – Essa é bem a questão... Você vê claramente que por trás de várias dessas denúncias há muito mais interesses do que supõe a nossa vã filosofia. E o Jornalismo, quando

embarca nessa em vez de cumprir o seu papel, que é o de noticiar com imparcialidade, acaba se prestando a fazer o jogo dos poderosos de plantão. Um horror. Mas, de repente, tem alguma coisa positiva: aparecem as grandes empreiteiras no meio dos escândalos. As baterias se voltam contra empresas privadas. É raro, mas se voltam. Quem é mais esclarecido sabe obviamente que há grandes escândalos também dentro dos grupos privados. Só que eles geralmente aparecem apenas quando estão ligados a licitações, concorrências públicas etc. e tal. O dinheiro do Sarney [Filho], que está sendo indiciado agora, na Suíça... Quantos empresários não têm dinheiro em paraísos fiscais? Quando eu estava na Superintendência de Comunicação da Eletropaulo teve um problema qualquer, acho que era falta de energia ou coisa assim. Tinha um sujeito – não me lembro

“O negócio do comportamento da grande imprensa é o seguinte: eu sou o juiz, o promotor, o carrasco e não aceito críticas... Alguém escreve uma cartinha com uma crítica e leva uma porrada do jornalista. Não pode ficar acima de Cristo, pode? Se existe o direito de criticar, não pode.”

o nome – que todo dia ia lá e queria entrevista porque a tarifa havia sido fraudada, não sei o quê... E a gente ia respondendo. Até que um dia não tinha mais nada pra dizer e eu falei pra ele: “Querida ver se você faria isso na Volkswagen!” Tempos depois ele estava trabalhando mesmo na Volks (risos).

J&Cia – *Nessa linha, mas saindo da área política... pegando esse caso de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá, ocorre o que se convencionou chamar de espetacularização da notícia... Se você fosse chefe de Reportagem, seguiria outro caminho?*

Audálio – Seguiria, mas é necessário noticiar. Noticiar é obrigação. É contar o que está acontecendo lá, as perspectivas, quais são os pontos de vista e de confronto... Mas do jeito que foi feito, não. Aliás, não é só esse caso. Eu costumo comparar casos desse tipo com outros. O negócio do comportamento da grande imprensa é o seguinte: eu sou o juiz, o promotor, o carrasco e não aceito críticas... Eu não aceito críticas, já perceberam? Alguém escreve uma cartinha com uma crítica e leva uma

porrada do jornalista. Não pode ficar acima de Cristo, pode? Se existe o direito de criticar, não pode. Mas há outros casos... Um que é exemplar é o caso do Bar Bodega, que teve uma coisa emblemática... Como os jornais saíram em peso baseados na versão da polícia – e nisso os nossos coleguinhas têm grande responsabilidade e não só o dono do veículo –, acabaram por condenar e execrar publicamente os três crioulos que a polícia prendeu para dar satisfação à opinião pública, que não se conformava com o assassinato de um casal classe média, bonitinho e tal, em Moema. Diante da grita muito forte a polícia prendeu os três rapazes e os entregou de mão beijada para as primeiras páginas de todos os jornais. Passou um tempo, a Justiça, por um desses acasos, acabou provando que eram inocentes. Qual daqueles jornais se retratou? Nenhum... Também, eram só negros da periferia... Pra quê?... Isso acontece todos os dias.

J&Cia – *Considerando as gerações, desde a sua chegada ao jornalismo, melhoramos, pioramos ou continuamos iguais?*

Audálio – Acho que melhoramos muito na tecnologia, na apresentação da notícia, a qualidade do texto melhorou, apesar dos erros frequentes que pegamos aí no dia-a-dia dos jornais. Num sentido, o do jornalismo da denúncia pela denúncia, que é uma coisa muito grave, penso que piorou. Sei que é ruim generalizar, mas não dá para aceitar jornalismo que não apura como se deve, que faz a



Com Ruth Rocha, no lançamento de A infância de Ruth Rocha



Audálio Dantas

denúncia jogando a honra alheia na lama de forma leviana, lançando sobre essas pessoas, muitas vezes inocentes, a fúria sagrada... aquela coisa "fulano de tal é um filho da puta, criminoso, um ladrão"... E depois que se prova o contrário o espaço para a retratação, quando existe, é inteiramente desproporcional ao da denúncia.

J&Cia – *Outro aspecto é o poder econômico. Que influências benéficas e maléficas ele traz para a imprensa hoje?*

Audálio – Eu não acredito que as coisas aconteçam no varejo do toma-lá-dá-cá, do "olha, você me trata bem que eu anuncio mais". O poder econômico ajuda porque traz recursos e aperfeiçoamento técnico aos veículos. Essas coisas se tornam intrínsecas. O poder econômico fazendo o veículo, cuidando de seus interesses e dos interesses de outros grupos, provoca influências sobretudo na questão ideológica. Isso ficou muito claro na Guerra do Iraque. Eu acho que não foi combinado, "olha, nós vamos defender... vamos dizer que acreditamos que há armas de destruição em massa..." Todos sabiam que

não, mas independentemente disso havia a questão de interesse e acabou se fazendo uma guerra em que morreram e continuam a morrer milhares de pessoas. E a imprensa americana se desmoralizou por causa disso... Quer dizer, ela talvez não aceite isso, mas é fato. Assim como a maioria dos jornais comprou a versão do delegado da Escola Base, eles compraram a versão do Bush e foram em frente. No entanto, nós vivemos um momento de evolução tecnológica em que a mídia exige cada vez mais investimentos. E como fazer?

J&Cia – *Você considera o diploma de jornalismo essencial para o exercício da profissão?*

Audálio – Não é essencial, mas é importante. Não é o diploma, mas a possibilidade do jornalista ter uma formação mais específica nessas coisas que falam diretamente da Comunicação, que ensinam as técnicas, que abrem a mente para as ideias. Agora o principal: por quê o empresário combate tanto a exigência, sempre combateu? É porque, sem a exigência, podem fragmentar a cate-

goria, dividi-la, dificultar sua união em torno de sindicato, federação, confederações e o diabo para discutir diversas questões do seu interesse profissional, salarial etc.. No sentido da organização da categoria dos jornalistas é importante... e por isso eu defendo.

J&Cia – *E a sua opinião sobre esse grande campo de trabalho que se abriu – até de certa forma sob seu apadrinhamento –, a assessoria de imprensa?*

Audálio – Essa questão é muito importante e começou a ser discutida no Sindicato na minha gestão. O jornal Unidade, lançado em 1975, promoveu logo nas primeiras edições um debate sobre essa questão... sobre o *release*. Por quê? Porque o *release* era uma instituição que se confundia muito com o poder. E o poder naquele momento era abjeto. Mas, ao mesmo tempo nós colocamos a questão de que a assessoria de imprensa não era só o *release*. Envolveria um espectro maior de atividades que poderiam, inclusive, ampliar – como de fato ampliaram – o mercado de trabalho. Essa foi a ideia que surgiu no Sindicato e que evoluiu bastante.

J&Cia – *Em que personalidades você se inspira, no início da carreira?*

Audálio – Eu tive vários mentores. O primeiro foi o mestre ausente... à distância... que era o Graciliano Ramos. Foi incontestavelmente o grande inspirador para o texto. Mas na reportagem, na redação, eu tive grandes mestres. Um deles se chamava **Carlos Laino Jr.**, chefe de Reportagem ou secretário da Folha da Noite, jornal que fechava às 11h da manhã e saía logo depois do almoço. Esse era tipo um Sacchetta [Hermínio]... Eu não trabalhei com o Sacchetta, mas era um cara que dava grandes esporros. O Carlos também, mas tinha uma grande qualidade: sabia reconhecer quando passava dos limites e se desculpava. E dava muitos conselhos, conversava muito, orientava. Tive ainda mestres como o Mario Mazzei Guimarães, que está vivo até hoje, o Mário Lobo, que era da Folha da Tarde... E na reportagem eu me espelhava muito no Hideo Onaga, que fazia grandes reportagens.

J&Cia – *Na sua família não tinha jornalista?*

Audálio – Não. Não tinha.

J&Cia – *E os seus descendentes?*

Audálio – Pois é, o Zé Dantas fez Rádio e Televisão. A Juliana formou-se agora em jor-

nalismo e está trabalhando faz algum tempo na TV Gazeta. Não é por ser pai dela não, mas dá conta do recado direitinho.

J&Cia – *Quantas vezes você casou? Quantos filhos tem?*

Audálio – Casei três vezes e tenho quatro filhos. Quase todos os jornalistas são assim. Na Editora Abril, no tempo da Realidade e da Quatro Rodas, chamavam o nosso andar de "caldeira do diabo"... Ninguém conseguia se manter casado (risos). Todo mundo estava se separando.

J&Cia – *Fora a Vanira [Kunc, atual esposa de Audálio], alguma era jornalista?*

Audálio – Não, a Vanira foi a primeira.

J&Cia – *E o nome dos seus filhos?*

Audálio – José, o mais velho, da primeira, Ana, da segunda, e Juliana e a Mariana, da Vanira.

J&Cia – *E a ABI, que você acabou deixando depois de desentendimentos com o Maurício Azêdo?*

Audálio – Fiquei sócio nos anos 70. Naquela guerra que enfrentamos a ABI tinha um papel importante. Basta ver que o presidente era o **Prudente de Moraes, Neto**, figura formidável, que veio até São Paulo na semana da morte do Vlado. Mas é aquela história, nunca havia pen-

sado em ABI e aí veio aquela eleição em 2005 para a renovação da diretoria, encabeçada pelo **Maurício Azêdo** e com a presença de vários companheiros que eu conhecia dos tempos de Abril, como o **Milton Temer**, o **Domingos Meirelles**... No meio do processo, o Milton Temer, que era vice-presidente, e mais quatro diretores renunciaram em choque com o Azêdo, que é... bem, deixa prá lá! E o Meirelles ligou me convidado para integrar a Diretoria Executiva como vice-presidente. Propus ficar apenas no Conselho, mas diante da insistência e do apreço que tinha e continuo tendo por ele aceitei a Vice-Presidência e a Presidência da Representação em São Paulo. Fui eleito por unanimidade. Tentamos fazer com que aqui em São Paulo a ABI passasse a ter algum significado, alguma identificação mais forte com a base. A proposta foi a mesma que tive no Sindicato, de ampliar a atuação, e por isso depois a criação de um Conselho Consultivo... Mas fomos verificando no decorrer do tempo que o Maurício, enciumado com a projeção desse trabalho, começou a criar toda a sorte de dificuldades para o prosseguimento do trabalho. Foi impossível continuar convivendo com figura tão autocrática. Até censura ele faz. Uma pena, para a própria ABI e para o trabalho

feito em São Paulo, cujo ápice foi a realização do *Salão do Jornalista Escritor*, em 2007, que, além do sucesso de crítica e público, gerou recursos extraordinários para o caixa da ABI.

J&Cia – *Você tem a ideia de retomar o Salão?*

Audálio – Sim... Todos os que participaram do Conselho Consultivo da ABI, em São Paulo, a meu convite, querem também. São todos jornalistas de grande capacidade. Vamos estudar com carinho e no devido tempo decidiremos o que fazer.

J&Cia – *Você é muito emotivo, chorão?*

Audálio – Hoje sou mais controlado nessas coisas de emoção. A prova de fogo foi o discurs-

so no culto pelo Vlado, na Catedral da Sé. Foi o mais difícil da minha vida. Foi de improviso e sob uma forte tensão. Nesses momentos, não conseguia falar por causa da emoção. A cena está lá no filme do João Batista de Andrade sobre o Vlado. Não sei como foi parar nas mãos dele. Deve ter sido filmada pela própria repressão.

J&Cia – *Você é religioso?*

Audálio – Hoje não... Já fui... Na juventude fui muito ligado aos padres salesianos. Fui congregado mariano. Depois me rebelei. Não aceitava aquela coisa da imposição... Aceitar dogmas é difícil. Mesmo assim sou, digamos, católico...

J&Cia – *Partido político... Você só foi filiado ao MDB?*

Audálio – Só... filiado mesmo, sim. Fui muito próximo do PCzão, mas não cheguei a assinar a ficha.

J&Cia – *Quem seria Audálio Dantas se não houvesse essa virada de 75...? Sindicato, Vlado...*

Audálio – Certamente continuaria com a carreira de repórter, depois cairia num cargo de chefia qualquer, me aposentaria e talvez estivesse conformado... E não teria escrito todos esses livros, talvez outros...

J&Cia – *E depois do livro sobre o Vlado, o que pretende fazer no campo literário?*

Audálio – Depois do Vlado, que talvez seja o meu trabalho mais importante, acho que vou me dedicar a biografias. Tenho uma boa embocadura para elas. Essas de infância e esse último do Lula tiveram uma boa repercussão. Até no exterior. As mensagens que recebi (menos do Lula) são bastante confortadoras... (risos)

J&Cia – *Sobre o livro da infância do Lula, não*

“Tentamos fazer com que aqui em São Paulo a ABI passasse a ter algum significado, alguma identificação mais forte com a base. A proposta foi a mesma que tive no Sindicato, de ampliar a atuação, e por isso propus a criação de um Conselho Consultivo...”



Audálio Dantas

houve comentários de que isso foi campanha eleitoral?

Audálio – Muita gente falou que foi coisa de encomenda, mas não foi. Pouco se falou do livro na mídia, acho que por preconceito. Mas lá fora estão falando. Outro dia o jornal espanhol El Mundo publicou uma entrevista minha, feita por **Ricardo Morales**. A ideia de fazer *O menino Lula*, de início, era dar sequência àqueles livros de infância. Pensei em fazer na mesma linha. O Lula tem uma grande qualidade: ele não esquece das pessoas. Um dia o encontrei, acho que na Câmara, e ele “Oh, Audálio Dantas!”, fez aquele carnaval... “O que você anda fazendo?” Aí falei dos livros e perguntei se ele topava fazer um livro sobre a infância dele... “Topo! Do que você precisa?” “Preciso de uma entrevista.” Ele disse pra eu falar com o **Franklin Martins** e marcar. Faz uns três anos isso, mas eu acabei fazendo em julho do ano passado. Tive uma conversa com ele em Brasília, gravada, depois mandei os originais para ele ler. Ele demorou, mas mandou dizer que não queria ler, não iria dar palpite, porque afinal o livro é meu.

J&Cia – Vamos a um rápido pingue-pongue? Uma pessoa inesquecível...

Audálio – Dom Helder Câmara... Por tudo o que ele representou. Grande figura humana... Ele tinha gestos e era um homem de combatividade. E a indignação e a compaixão... E estava lá no culto do Vlado.

J&Cia – Uma cor...

Audálio – Azul... Pra não dizer vermelho, porque podem me indiciar por aí... (risos)

J&Cia – Um amor...

Audálio – (reflete muito) A minha avó Maria Adélia da Conceição... Eu dedico a ela o livro do Lula. Ela segurou as pontas... Meu avô João Martins Dantas era um jogador inveterado... um dia ele apostou a casa, perdeu e com uma espingarda ela expulsou os caras que foram pegar a casa... Eu gosto de pessoas assim.

J&Cia – Uma cidade...

Audálio – Parece até demagógico, mas eu acho que é Tanque D'Arca. Eu nasci lá, embora meus documentos sejam de Maceió. Meu pai queria que eu fosse pra Marinha e colocou mais três anos nas minhas costas. Mas Tanque D'Arca é um lugar que está sempre no meu

coração... não sei se é porque eu nasci lá... É um lugar muito pobre, mas fica num belo pé de serra, é uma coisa meio mágica...

J&Cia – Um fato marcante...

Audálio – É o episódio do Vlado... E, antes dele, a Carolina de Jesus... foi um trabalho que correu o mundo.

J&Cia – Uma reportagem memorável, fora Carolina de Jesus...

Audálio – Acho que tem muitas, mas a que me tocou mais e que tem um sentido profundo é a reportagem chamada *O circo do desespero*, que depois deu título àquele livro. Era uma maratona de dança que fiz para O Cruzeiro em 1963... Os caras se inscreviam para dançar as quatro noites de carnaval. Pessoas miseráveis que iam lá para conseguir comprar um fogão, um barraco. E ninguém tinha nome, era tudo por número... E não podia parar de dançar. Eles colocavam frevo quando viam que alguém podia desmaiar. O **Odilo Costa, filho**, que era o diretor da Redação na época, mandou um telex dizendo que tinha acabado de ler e chorado.

J&Cia – Um filme...

Audálio – Geralmente os filmes marcam

muito. Tem vários que me marcaram. O *Vidas Secas* é a minha ligação com Graciliano Ramos, com o Nordeste, com a minha origem e é maravilhoso. Mas tem um outro que se chama *Veridiana*, do Buñuel. É um filme que mostra que não se pode resolver os problemas individualmente. As coisas têm que ser resolvidas do ponto de vista maior, do coletivo. Em uma cena, há um senhor num castelo e nos fundos dos jardins desse castelo tem uma estrada de lavradores. Passa por lá um sujeito numa carroça com um cachorro amarrado, quase arrastado. O dono do castelo fica com pena e compra o cachorro. No outro dia, o cara passa arrastando outro cachorro! Ou seja, uma cachorro só não faz verão... (risos)

J&Cia – Peça de teatro...

Audálio – Várias, mas as mais marcantes são de temática nordestina: *Morte e vida severina*, do João Cabral de Mello Neto, e *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

J&Cia – Uma atriz e um ator...

Audálio – (reflete muito) Fernanda Montenegro e Anthony Quinn.

J&Cia – Um político...

Audálio – Eu citaria dois... Um deles pela paixão de que foi tomado: o Teotônio Vilela...

“Um dia o encontrei [o presidente Lula] (...) e perguntei se ele topava fazer um livro sobre a infância dele... ‘Topo! Do que você precisa?’. ‘Preciso de uma entrevista’. Ele disse pra eu falar com o Franklin Martins e marcar. Faz uns três anos isso, mas eu acabei fazendo em julho do ano passado.”

Era usineiro, senhor de engenho de açúcar e se transformou naquela figura maravilhosa, o arauto da democracia. O outro era o Ulysses Guimarães, até conservador, mas que era capaz de uma dedicação às causas que defendia de maneira extraordinária...

J&Cia – Um jornalista...

Audálio – Não é tão difícil, mas eu tenho vários. Eu começaria com **Joel Silveira**. Eu diria que ele foi o introdutor do novo jornalismo. Fez antes do pessoal dos Estados Unidos... o **Tom Wolf** e tal... Foi o Joel Silveira, em 1940... Ele trabalhou nos Associados... no jornal mesmo. Em 1945, na Revista Diretrizes, ele escreveu a história do casamento da filha do Matarazzo... que era o homem mais rico do País. Havia um burburinho de que seria o casamento do ano. Ele não tinha convite, mas fez como seria o casamento... Fez o antes, o durante e o depois... Falou com

costureiro, chofer, cozinheiro, manicure... Foi uma matéria lindíssima. O **Gay Talese** fez com o Frank Sinatra igualzinho na década de 70. Ninguém copiou ninguém. Acontece que os dois eram grandes repórteres e isso a gente tem que admirar...

J&Cia – Uma música...

Audálio – Eu sou um grande admirador do Ariano Suassuna e ele fez um movimento chamado Armorial: daí apareceram orquestra, quinteto, teatro, literatura, poesia, tudo Armorial. Ele vai buscar a “nobreza sertaneja”... Bebe em suas fontes, uma genialmente o erudito e o popular. Lá está o sertanejo íntegro, nobre, ilibado... E está também o amarelinho safado, o João Grilo que supera a pobreza com suas proezas, espertezas. E há uma música, que não é do Suassuna, mas é do Quinteto Armorial, que se chama *Revoada*. Pouca gente conhece, eles gravaram só dois discos, mas é

uma coisa maravilhosa. Nem falei do Johann Sebastian Bach... eu gosto da *Tocata e fuga em Ré menor*.

J&Cia – Um livro...

Audálio – Geralmente eu vou para dois... Porque é difícil escolher o melhor livro do Graciliano Ramos, porque até ele não sabia... Eu fico com *Vidas Secas* e, do João Guimarães Rosa, *Grande Sertão, Veredas*. Mas não dá para esquecer *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que mergulhou fundo no Brasil e, de certa forma, produziu uma imensa e bela reportagem. Assim, são três livros sobre o sertão. Acho que o Rosa acertou quando disse que “o sertão está em toda parte”. Dos estrangeiros, todo o Hemingway.

J&Cia – Um grande brasileiro...

Audálio – Pior é que você começa a buscar na História... (reflete muito) Luis Carlos Prestes, grande brasileiro... independentemente de

ideologia. Um sujeito que acreditou nas suas ideias e lutou por elas a vida inteira. E arrastou aquela Coluna Brasil afora... Vocês nem precisam concordar comigo.

J&Cia – Uma grande brasileira...

Audálio – (reflete mais ainda) Vou falar de uma pessoa que nem nasceu no Brasil, mas era brasileira. Clarice Lispector... Foi uma grande brasileira... uma escritora maior.

J&Cia – Uma invenção...

Audálio – Há várias coisas, mas vou voltar para Gutenberg... Outra grande invenção foi a internet.

J&Cia – Um sonho...

Audálio – Ver esse País sem as desigualdades sociais que ainda tem. Tá diminuindo, mas ainda tem. Uma cidade enorme e rica como essa e a desigualdade ainda está por aí. A desigualdade que leva a polícia a ter como suspeitos preferenciais os pobres, principal-

mente os negros. E a matar, como aconteceu recentemente com dois *motoboy*s.



Com Vanira

Expediente

PROTAGONISTAS da Imprensa Brasileira é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. 11-5572-9700 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Barancelli** (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistas&cia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br)